



Fig. 15.



Fig. 16.



Fig. 17.



Fig. 18.



Fig. 19.



Fig. 20.

Gatos de músculos flexíveis

Movimentos são escritas do corpo no ar. Ao se movimentar, o corpo se comunica e se expressa. A escrita do corpo no papel é movimento. Das mãos, dos olhos, do pensamento. A escrita é um tipo de traço, e os traços podem tomar diferentes formas. O corpo é composto pelos traços que formam frases, o corpo é composto no e pelo pensamento. O corpo se movimenta nas palavras presas no papel.

No corpo, há os movimentos de sombra, pequenos, aqueles realizados na execução de outros, como combinados sem serem planejados, muitas vezes, inconscientes e involuntários, não perceptíveis para o corpo que os faz. Eles se diferem ou complementam os movimentos da ação com objetivo. Eles são expressivos. No corpo, há os movimentos habituais, quase mecanizados, porque feitos durante toda a vida, porque considerados inalteráveis. No corpo, há a possibilidade de rever movimentos, de recriá-los.

A circularidade presente no movimento do universo funciona para o corpo. Movimentos circulares soltam as articulações, abrem espaços entre órgãos e músculos, fazem esses espaços respirarem. A circularidade faz deslocar quando feita em espiral. A musculatura faz um desenho espiralado. Não é linha reta como aparenta externamente. A parte posterior do corpo nos mantém em pé, nos direciona para frente, nos faz cair. A parte anterior sustenta. A parte superior do corpo tende para cima, para uma leveza aérea, enquanto a inferior tende para baixo, para um vínculo com o chão. As direções de todos esses lados não buscam uma organização retilínea. O corpo procura a diagonal espiralada, que parte do centro para as extremidades, que produz equilíbrio.

A reta também participa das variações dos movimentos. Retas podem ser passagens, podem ser direções. É importante que movimentos retilíneos não sejam travados. A postura do corpo humano é composta por essas direções opostas, que concordam entre si. A oposição não é desequilíbrio nem anulação. Os métodos corporais que visam uma organização da postura, a solução de problemas físicos (respiratórios, circulatórios, estruturais), no século XX, seguiram linhas, pontos iniciais e procedimentos diferentes, mas tinham em comum a percepção de que o corpo deveria ser entendido como inteiro. Cada parte toca e interfere na outra. O corpo precisava se libertar de uma rigidez adquirida, do domínio de hábitos estabelecidos. Nos movimentos básicos, percebemos uma repetição prejudicial, um comportamento que restringe. Nos movimentos básicos, podemos fazer alterações significativas que, depois, serão incorporadas aos

Controle Primordial é o fator primeiro para um alto nível de desempenho e de coordenação nas ações, adquirido através de uma relação entre a cabeça, o pescoço e o torso. A aquisição de um controle primordial não é uma estrutura definitiva. Ele está em constante mudança, organiza-se de diferentes maneiras, pois ocorre em todas as posições do corpo. Os flamingos avançam a cabeça e alongam a coluna para iniciar o voo.

movimentos mais complexos e permitirão novas experimentações.

Ao mesmo tempo, Aomame não conseguia conter a curiosidade. A doença do homem que *não era comum* e, por isso, seus músculos saudáveis e bem-torneados estavam danificados; um corpo vigoroso, e uma força de vontade capaz de resistir a uma *dor intensa*, que ele dizia ser o “preço pela graça recebida”, eram coisas que atiçavam sua curiosidade. Ela queria saber o que poderia fazer por aquele homem, e como o corpo dele reagiria às suas técnicas. Era uma curiosidade profissional e, ao mesmo tempo, pessoal.¹

Melhorar a postura, para Alexander, Klauss, Laban, não é apenas alongar o corpo, colocar partes em seus lugares ilusoriamente fixos. É aprender novos hábitos, é aprender um melhor uso de si mesmo. A disciplina e o trabalho constante para modificar os hábitos fazem o corpo agir de outra maneira, demonstram outros caminhos para um movimento. Só a insistência fará com que estes tornem-se naturais, absorvidos, novos hábitos corporais. O treinamento – as técnicas corporais – engendra um corpo inteligente, que se adapta a estímulos, que pode reagir a eles criativamente e com melhor desempenho. A postura não deve ser fixa. Ela responde a diferentes emoções, sensações, diferentes estímulos. O corpo inteligente é flexível e resistente, reage não para atingir um fim, mas como resultado necessário de uma máxima tensão exposta.

Reorganizar o corpo, sua postura, não se dá na apreensão de um alongar-se. O corpo precisa esquecer um hábito recorrente e malicioso. Na tentativa de alongar uma parte do corpo, de dar espaços, de ampliar-se, o corpo tensionará outras partes mantendo o hábito recorrente. Aplicar o esforço em outra parte é somente uma compensação. O mau uso do corpo afeta o nosso sentido cinestésico. Se a cinestesia, essa sensação dos fatores do corpo, está presente no momento em que decidimos iniciar um movimento, já que nos sensibiliza para uma sensação de acertude do nosso corpo em relação ao equilíbrio, à disposição, ao peso, também está presente no uso incorreto que fazemos dele. Acreditamos reorganizar a postura, mas cometemos um novo erro. Uma nova postura passa por alterações sutis, passa, especialmente, pela não resposta. Para alongar uma parte é preciso não fazer o movimento. Pensamos, colocamos a nossa atenção naquele ponto e, ao invés de ficar em pé, falar, alongar o pescoço, não fazemos nada ou fazemos um outro gesto. Inibe-se um hábito para depois dar uma nova instrução. Não basta o desejo de corrigir a falha, o corpo está acostumado com a repetição. As novas técnicas ensinaram a não buscar um fim, a concentrar-se nos meios.

A liberdade aparente dos movimentos do rei era definida por aulas de equitação. Eram recomendados gestos controlados e calculados. O porte suntuoso, o manejo da lança e o domínio do corpo na corrida combinavam uma imagem militar, imponente e graciosa que deveria ser mostrada ao povo. O movimento tinha uma vertente psicológica.

Enquanto ouvia a música, ele digitava o texto diante da tela do processador. Ouvir diariamente a *Sinfonietta* de Janáček nas primeiras horas da manhã era um de seus hábitos cotidianos. Ela passara a ter um sentido especial para Tengo desde o colegial, quando precisou, de última hora, tocar como percussionista de uma banda. Desde então, sempre que a escutava, se sentia motivado e seguro. Pelo menos, para ele, era isso o que a música proporcionava.²

Os movimentos são realizados por impulsos internos, estão ligados a um esforço que os origina e marca a interioridade deles. O esforço é visível. Mesmo quando não vemos a ação, mas a ouvimos ou a tateamos, podemos imaginar o esforço envolvido na vibração das cordas vocais, na contração dos músculos. O esforço é composto por tensões musculares e formas espaciais variadas. Suas características são individuais. Dependem da forma do corpo, de sua constituição. Quando realizam um movimento, os homens se distinguem.

Os animais têm um número reduzido de características de esforço – um número restrito de combinações de esforço para a realização de um movimento –, mas conseguem utilizá-las de modo eficiente. Animais selvagens são mais precisos nos movimentos, pois convivem com o risco da morte desde o início da vida. Eles aprendem os movimentos de caça, defesa, ataque, fuga, quando são filhotes e ainda não precisam executá-los com a finalidade determinada. Os animais brincam.

Os movimentos de cada espécie animal variam de acordo com as características de esforço. A fluência e a tensão dos músculos na realização de uma mesma ação em diferentes espécies variam e tornam-nas bastante específicas. Animais selvagens não realizam os mesmos movimentos de animais domesticados. O meio ambiente interfere na qualidade e na execução dos mesmos. Quando domesticados, os animais mostraram aos homens como lidar e alterar os hábitos de esforço. Estabeleceu-se um treinamento para o desenvolvimento da própria movimentação, da qualidade dos seus hábitos de esforço.

Ao tornar-se ereto, o homem liberou os membros superiores, especializando e sofisticando os movimentos das mãos. Também controlou o gasto de energia com movimentos mais econômicos e precisos. Homens podem se movimentar como animais. Um homem pode caminhar como um cavalo, postura ereta, pescoço grosso, enérgico, comprido. Um homem pode saltar com a leveza e a fluência livre de um gato. O homem pode conscientizar-se dos impulsos de ação, pode remodelar os seus movimentos, pode agir a partir de um estímulo interior. E pode perder os domínios do corpo, repetindo os mesmos gestos sempre. Nunca tentar qualquer alteração. Os músculos humanos

Um indivíduo que aprende a dominar o espaço fisicamente por meio de seus movimentos tem atenção. Aquele que domina a relação esforço-peso tem intenção. Um indivíduo que domina o tempo dos seus movimentos tem decisão.

tendem a se atrofiar na repetição diária. Animais selvagens mantêm seus gestos potentes, sua musculatura desenvolvida e preparada para ações específicas. Seus movimentos são instintivos e são repostos a um estímulo exterior.

Os gatos agiam com a maior naturalidade: alguns abriam as lojas enquanto outros começavam a trabalhar na prefeitura, ocupando suas mesas de trabalho. Mais e mais gatos continuaram chegando pela ponte. Eles faziam compras nas lojas, iam para a prefeitura resolver assuntos administrativos e comiam no restaurante do hotel. Os gatos também tomavam cerveja no bar e cantavam alegremente as músicas de gato. Um deles tocava acordeão e outros dançavam ao compasso da música. Como os gatos enxergam no escuro, praticamente não havia necessidade de luz, mas, naquela noite, a lua cheia iluminava toda a cidade, e o rapaz, mesmo escondido no campanário, conseguiu observar tudo, do começo ao fim.³

Movimento é ação inerente ao corpo. Mesmo imóvel o corpo se movimenta. Ele nunca está inteiramente parado. O sangue pulsa, os órgãos contraem, as substâncias se deslocam. O movimento é a soma do involuntário àquele intencional – movimento proposto – que resulta em uma ação. Antes mesmo da ação, há movimento. Só de se pensar em certo movimento, o padrão de unidades motoras individuais se modificam. No século passado, John Basmajian, fisiologista, descobriu que não era preciso *feedback* (uma demonstração visual) para que essas unidades específicas do músculo entrassem em atividade. Bastava colocar a atenção em determinada parte do corpo para que ela se movimentasse. A musculatura já ganhava tonicidade. Pensar produz movimento.

A medicina antiga desconhecia o funcionamento do corpo. Ela baseava-se no corpo feito de humores definido pelos tratados antigos, dos temperamentos, de Hipócrates e Galeno. Os humores eram sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra e estavam relacionados ao modo de ser do indivíduo. Tê-los na quantidade ideal e misturados eram as formas de curar enfermidades e promover a manutenção da saúde. Doenças vêm do excesso ou da falta, do isolamento de um dos humores, da estagnação e da imobilidade. Combatê-las consistia na liberação ou na aquisição dos mesmos. Os movimentos do corpo serviam para evacuar os humores por meio da contração dos órgãos, da agitação e aquecimento das partes. O atrito das partes causado pelos movimentos tornava o corpo forte e resistente. Movimentar o corpo tinha o mesmo papel dessas outras práticas de evacuação. A sangria e a purgação deixavam o corpo robusto e a carne enrijecida. Eram maneiras de purificar o corpo internamente. Distinguiam posições sociais. Era o século XVII, momento

Até o início do século XX, o sistema nervoso era tido como o responsável pelo controle de posturas e movimentos, por uma precisão dos gestos. O mal do "ataráxico", incapacidade de controlar os deslocamentos, era uma doença que degenerava o nervo raquidiano.

em que só os nervos e a carne eram citados e utilizados para definir tipos de corpos. Ainda não havia nenhuma alusão aos músculos.

As duas luas provocaram em Tengo uma leve sensação de tontura, quase de vertigem. Parecia que seus nervos estavam desequilibrados. Sentou no alto do escorregador e, com a cabeça encostada no corrimão, fechou os olhos. A sensação era a de que a gravidade ao seu redor estava ligeiramente alterada. Em algum lugar, as marés subiam e, em outros, recuavam. As pessoas oscilavam inexpressivas entre o “insano” e o “lunático”.⁴

Depois aparecem os músculos. Os movimentos dos músculos corrigem a estrutura corporal. Não servem mais para a decantação de humores. O músculo age sobre a morfologia, o corpo torna-se ativo ao executar movimentos corretivos. É preciso que a ação aconteça do interior para o exterior. As forças externas não reforçam o corpo. Objetos não corrigem a estrutura sem que haja um movimento produzido pelo corpo, oriundo de um esforço interior. Fraqueza e enfermidade advêm de uma natureza fraca, da falta de incentivo da criança à ação. A natureza do ser humano torna-se responsável pela fortificação do corpo. A maneira de exercitar e de aprimorar os movimentos acreditada, orientada e difundida pelos e para os nobres é contraposta aos movimentos dos homens rústicos, mais próximos dos animais selvagens. Este corpo que exerce uma força sobre si mesmo ao se movimentar livremente e retirar das ações corporais o seu sustento demonstra o vigor de um corpo novo. Estamos no século XVIII, os músculos assumem uma orientação estrutural do corpo, mas seu funcionamento não é compreendido. Há o desconhecimento da contração muscular.

Em seguida, as fibras ganham evidência. Elas devem ser firmes e fortes, qualidades adquiridas por meio de movimentos de oscilações. Antes, os ares frios podiam adentrar os poros e causar doenças. Agora, o movimento, o ar, o clima aumentam a consistência das fibras o que torna os vasos mais tensos e os músculos mais vigorosos. As fibras são associadas a tensões físicas. Fazer exercícios em que o corpo oscile e aumente as pulsações promove endurecimentos variados. Mas os exercícios ainda não foram criados. Não há ginásticas como a conhecemos nem movimentos seriados para treinar o corpo. Os exercícios são as atividades comuns que já se praticavam e que utilizam objetos do cotidiano. Não havia métodos específicos.

O impulso da ação é interno, único, e interage com peso, espaço, tempo e fluência. Estes fatores de movimento atuam na qualidade da ação, na modalidade de esforço. Quando se é jovem, animais e homens possuem capacidades

O espartilho era utilizado por todas as crianças nobres desde os primeiros meses de vida para garantir um porte correto, dar força e ensinar a manter-se sobre os dois pés. A força externa criaria a força interna do corpo. No século XVIII, o francês Andry de Boisregard foi um dos primeiros a se aproximar de uma ideia de ortopedia, ao propor que o movimento ativo fortalecia o corpo. Os músculos deviam produzir a força do corpo, seriam os responsáveis pelos efeitos corretivos. A força interna passou a comandar as ações associadas à postura e à saúde corporal.

de esforço mais variadas que, relacionadas aos fatores de movimento, propiciam ações de maior mobilidade. O crescimento enrijece a estrutura corporal. A história de vida e o meio ambiente enquadram as características de esforço. No entanto, durante toda a vida é possível experimentar formas novas. E os movimentos, quanto mais compreendidos, mais podem ser aproveitados.

São nos experimentos que se definem as melhores combinações de esforço para uma situação que se coloca. É como aprendemos a andar, e depois a correr, a pular, a dançar. Treinamos o corpo para realizar da maneira mais adequada – ou mais exagerada, ou mais delicada –, de todo modo, uma realização fruto da aprimoração, o movimento que melhor se encaixa à demanda. Aprendemos combinações de esforços no nosso corpo, podemos ter respostas imediatas diante de situações. Não significa que nos limitamos, definindo movimentos de reação sempre os mesmos para uma escala de situações correlativas. Também não significa que melhor é a fórmula em que menos esforço se equaciona com maior rendimento e concretiza uma máxima. Significa que passamos a conhecer a mobilidade de nossos corpos podendo lidar com o inesperado sem antes processar mentalmente a situação e a ação. Arriscar-se nas extensões, na elasticidade, nas quedas, ultrapassar limites não por meio de corrupção dos nossos próprios entraves e sim por trajetos alternativos.

O modo como eles trabalhavam em equipe era eficaz e sem movimentos supérfluos. Não faziam barulho além do necessário e os passos eram discretos. Eles terminaram as tarefas em vinte minutos, abriram a porta e saíram.⁵

Diferentes partes do corpo se relacionam através do movimento. Partes que pareçam desconexas fazem ligações consonantes, calculadas ou não. Não há um movimento, mínimo que seja, que envolva apenas uma parte. Quando decidimos levantar o braço, antes mesmo que comecemos o movimento do membro superior, a panturrilha da perna contrária se contrai para rearranjar o equilíbrio do corpo. A energia gerada circula o corpo todo. O esforço de uma parte repercute no corpo todo. Quando se movimenta, o corpo faz a conexão de suas partes durante um determinado tempo, ocupando e desabitando espaços, despendendo uma quantidade de força. As ações corporais são alterações. Quando para, o corpo adquire uma posição. Ainda está sob a égide das propriedades temporais, espaciais e tensionais, mas com outro enfoque.

Uma ação como esticar um braço pode dizer apenas de um conhecimento mecânico que o corpo é capaz de realizar. Já a força que se coloca, o peso empregado, a intensidade de um aceno diz sobre desejos e disposições. Um passo não é a

Quando a fluência substitui o peso no movimento, com as qualidades controlada ou livre, o ímpeto torna-se "como visão", no sentido imaginativo, porque o significado corporal perdeu as qualidades de esforço relativas ao peso.

mesma ação para qualquer corpo da mesma espécie. Além da intenção que os diferencia, a forma de cada corpo também os singulariza. Os corpos não usam exatamente os mesmos músculos e ossos, com a mesma intensidade. Passos não são idênticos entre corpos. Um movimento mecânico não padroniza o homem, não anula sua subjetividade.

Tamaru esticou os braços, as palmas para cima, como um homem esperando a chuva no meio do deserto. Mas não disse nada. Suas mãos eram grandes e volumosas, e nelas havia algumas cicatrizes. Pareciam mais a parte de uma enorme máquina do que de um corpo humano.⁶

Os movimentos são formas de pensamento, porque expõem uma interioridade, porque expressam e comunicam. É possível pensar pelo movimento sem necessariamente ter o domínio orientado deles. Se o pensar por movimento pode situar, organizar o mundo exterior, juntamente com as palavras, pode também aperfeiçoar o mundo interior ao desferir o impulso numa ação, no fazer. O pensamento move uma quantidade de músculos e o corpo memoriza uma emoção.

Dominar os movimentos é saber usar a fluência possível no corpo. Primeiro, é preciso saber onde está situado. Conhecer a relação dos pés com as outras partes do corpo e com uma disposição interior. Para saber o que uma articulação pode fazer, para liberá-la, é preciso, primeiro, perceber que ela está presa. Depois, pode-se encaixar e desencaixar, soltar. As articulações atuam na fluência do movimento. Aponta-se uma intenção por meio de um movimento mais ou menos fluído. Na pausa ainda há fluidez, uma fluidez mais controlada. A prontidão para parar a ação ou a sensação de fluência continua na pausa. A fluência está no movimento mais livre e progressivo, que se assemelha aos líquidos, assim como comporta os movimentos de resistência e contra-movimento. A fluência não se dá apenas no que é livre, contínuo, delicado. Detido, intermitente, duro também podem ocorrer nela. O fluxo interno-externo e um fluxo contrário, do contato com outro corpo ou objeto que faz iniciar um movimento, estabelecem relações e comunicações. O movimento tensiona e intenciona.

Os corpos pesam. Uns sobre os outros. E o corpo pesa sobre si mesmo. A estrutura corporal é toda feita de partes que pesam umas sobre as outras. Em alguma medida, o peso pode ser controlado. Pode-se pesar leve ou firmemente sobre outro corpo. Pode-se colocar mais ou menos peso. O controle do peso tem a ver com contração ou relaxamento muscular, tem a ver com a respiração. O peso é massa do corpo. Uma massa que toca a superfície, que pesa ligeiramente. A massa só pode ser pesada no contato com outros corpos, e no contato há pressão e troca. De suores, de peles descamadas,

Em 1910, as companhias norte-americanas de seguro de vida definem o valor das tarifas de acordo com oito categorias relacionadas ao peso. Elas se organizam à medida que se distanciam da norma. Os limites são 12 quilos abaixo e 23 quilos acima da mesma. É quando o peso passa a ser sinal de saúde.

de forças. Pode-se buscar equilíbrio no pesar sobre outro ou pode se deixar desequilibrar. Pode ser apoio, pode ser repulsa. Corpos, ao pesar-se um sobre o outro, encaixam-se de maneiras inusitadas e não necessariamente formam figuras belas.

As formas que o corpo assume são qualidades espaciais. Acontecem no espaço, relacionam-se e se compõem nele. Não um espaço norteado, que se ocupa, que pode ser delimitado por direções e planos, e que é percorrido durante um determinado tempo. Um corpo não preenche um espaço. Ele é um espaço, aberto, um lugar de existência.

É pele dobrada, redobrada, desdobrada, multiplicada, invaginada, exogastrulada, furada, evasiva, invasiva, tensa, distendida, excitada, siderada, ligada, desligada. De todas essas maneiras e de muitas outras ainda (aqui não há <<formas *a priori* da intuição>>, nem <<tábua das categorias>>: o transcendental está na modificação indeterminada e na modulação espaçosa da pele, o corpo *dá lugar* à existência.⁷

São tantos os espaços possíveis quanto as nossas capacidades semióticas e nossos modos de subjetivação. As percepções dos espaços atuais podem ser duplicadas por percepções antigas de espaços também antigos. Não é o mesmo que voltar a um lugar tempos depois. É ter percepções que retornam em espaços distintos. Construir uma ponte entre eles. Espaços são máquinas agenciadoras, máquinas de sentido esmagadoras ou ressingularizantes. Ao delimitar o espaço como um quadrado, pode-se definir dois ou mais pontos fixos. Se o quadrado for de matéria maleável, os pontos se movem. Aproximam-se, distanciam-se. Um corpo altera os pontos fixos de um espaço ao tornar-se parte dele, ao movimentá-lo. O corpo movimenta o espaço, quando o modifica, quando o ocupa.

Antigamente, o corpo entendido como poroso estava vulnerável ao clima. A umidade do ar, por exemplo, atingia os órgãos. Nos dias de chuva, era prudente comer comidas secas. A sudação ajudava a eliminar o excesso de água. Nos dias de nevoeiro, era prudente evitar os movimentos físicos e as caminhadas, principalmente ao ar livre. Os poros podiam se constipar, interromper a evacuação dos humores e acarretar problemas ao corpo. Depois de exercícios físicos intensos, era prudente evitar espaços abertos, pois o ar penetraria o corpo atingindo as partes interiores. Devia-se evitar, especialmente, o ar frio e o ar das epidemias. Movimentos intensos e violentos abriam os poros e os deixariam suscetíveis aos males provenientes do ar. Nessa época, ainda não existiam células e não se sabia que o sangue circulava.

O cientista inglês Robert Hooke, em 1665, viu pequenas cavidades numa cortiça e deu o nome de célula, do latim *cella*, um lugar fechado, um pequeno cômodo. A cortiça é formada por células mortas, o que ele viu foi o envoltório. As células, na verdade, foram descobertas pelos botânicos. Primeiro, o escocês Robert Brown, viu que ela tinha um núcleo e era preenchida por um material gelatinoso – 1831. Depois, o botânico alemão Mathias Schleiden concluiu que a célula era uma unidade viva que pertencia a todas as plantas – 1838. O zoólogo alemão Theodor Schwann estendeu a descoberta para todos os seres vivos – 1839. Surgiu a teoria celular.

Mais tarde, o estado da pele seria um indicador de uma pessoa que se exercita, que se movimenta, que é saudável. A pele do corpo que treina “se torna sempre mais transparente, mais lisa, mais colorida e mais elástica”⁸.

Tengo se lembrou de que a pele perde diariamente cerca de quarenta milhões de células. Elas se soltam e, como uma minúscula partícula de poeira, desaparecem no ar. Neste mundo talvez sejamos como essas células e, sendo assim, não seria nada estranho se um dia, de repente, alguém viesse a sumir.⁹

O tempo, definido como linha reta, pontos fixos, serve para medidas, para acomodações espaciais e lógicas. O tempo da existência é dobra. Pode ser amassado, rasgado, aproximando ou distanciando acontecimentos. Um acontecimento da história “é multitemporal, remete a algo passado, contemporâneo e futuro *simultaneamente*”¹⁰. Os corpos continuam a fazer gestos arcaicos, são atualizados pelos gestos do presente, e ensaiam gestos desconhecidos, que podem ser absorvidos como naturais posteriormente. Uma sociedade faz conviver crenças e comportamentos antigos, atuais e futuros. Uma circunstância do passado pode ser ressignificada no presente, um objeto antigo pode continuar a existir. Um corpo velho pode apresentar-se de forma muito jovial. Jards Macalé é um quase jovem num corpo de 70 anos. Um corpo jovem, se congelado, mantém seus traços, sua natureza, intactos. Pode ter filhos mais velhos que si. Um corpo queimado derrete, desaparece.

Quando a fluência substitui o tempo no movimento, quando o movimento perde as qualidades de sustentado ou súbito relativas ao tempo, o indivíduo adquire uma expressão “encantada”. Seu movimento tem a qualidade de fascínio.

- Acho que o corvo não se preocupa com a questão do tempo. O conceito de tempo só serve para os homens.
- Por quê.
- Os homens concebem o tempo como uma linha reta. É como marcar uma haste de madeira reta e comprida e definir que o que está do lado de cá é o passado e do lado de lá é o futuro. E que aqui e agora é o presente. Algo assim. Entende?
- Acho que sim.
- Na prática, porém, o tempo não é linear. No amplo sentido da palavra, o tempo não possui forma. Mas, diante da dificuldade de imaginar algo que não possui forma, por conveniência passamos a percebê-lo como uma linha reta. Até onde se sabe, somente o homem é capaz de fazer essa substituição conceitual.
- Mas nós é que podemos estar errados.
Tengo refletiu sobre isso.
- Está dizendo que o fato de considerar o tempo como uma linha reta e contínua pode estar errado?
Não houve resposta.
- Essa possibilidade existe, é claro. Podemos estar errados e o corvo é que está certo. Talvez o tempo não seja linear como supomos ser. Pode ser que ele tenha o formato de

uma rosca trançada – disse Tengo. – Mas o homem provavelmente vive há dez milhões de anos tendo como base a ideia de que o tempo é uma linha reta e contínua, e suas ações foram pautadas nesse conceito. E até hoje ele não encontrou nenhuma inconveniência ou contradição nisso. Portanto, como modelo experimental, esta ideia pode ser considerada correta.¹¹

As combinações dos fatores de movimento produzem graduações de ação. Nem sempre utilizamos todos os fatores num dado movimento. Eles não agem sempre juntos. Quando um deles não aparece há um esforço incompleto. E o movimento resultante se diferencia daquele em que fluência, peso, espaço e tempo o compõe. São movimentos de transição entre ações essenciais. São atitudes. Já quando a fluência está subentendida, encoberta, há os ímpetos de ação. Neles, as ações corporais assumem outras qualidades, novas expressões.

Podemos escolher atitudes frente aos fatores de movimentos que dão indícios de quem somos. Indicam como nos colocamos para diferentes corpos no mundo. Podemos compreender os nossos próprios movimentos. Olhá-los, torná-los conscientes, investigá-los nos dão chances de alterações, de ampliar opções, logo de desdobramentos imaginativos, de novas disposições para se apresentar ao mundo. Corpos percebidos e expressivos, sentidos, são corpos de experimentações. Não é preciso o corpo vigorosamente saudável nem o corpo das medidas ideais do agora pregados pela tríade medicina, moda, esporte. Ter o domínio dos movimentos do corpo, conhecer o interior, serve tanto para alargar a quantidade e melhorar o desempenho em ações habituais quanto para estender os limites e os processos criativos oriundos das experimentações.

Os movimentos se dirigem a objetos externos, a outros corpos, a outras partes do corpo, àquilo que não se pode ver com os olhos, um estímulo, uma sensação. As partes do corpo olham, endereçam o interesse, pois têm orientação própria. A cabeça se vira para direcionar a visão ao que se pretende aproximar, palmas das mãos e solas dos pés veem, podendo se direcionar para diferentes sugestões. As mãos podem ver o que os olhos não alcançam. O peito também vê por meio do esterno que pode se orientar sem que os pés saiam do chão, sem que os braços apontem.

Ela não é um conceito, não é um símbolo nem uma metáfora. Ela é uma existência real cujo corpo possui calor e um espírito em movimento. Esse calor e esse movimento são coisas que eu não posso deixar escapar. Levei vinte anos para entender uma coisa tão óbvia. De fato, sou uma pessoa que leva tempo para “estender” as coisas, mas, mesmo assim, acho que levei tempo demais. Talvez seja tarde

Quando a fluência substitui o espaço, quando as qualidades espaciais flexível e direto tornam-se pouco aparentes, de modo que a forma não possui mais uma referência específica, as ações corporais transformam-se em ímpetos de paixão.

demais. Seja como for, preciso encontrá-la. Mesmo que seja tarde demais.¹²

Ao fazermos um movimento, estabelecemos relacionamentos mutáveis e momentâneos, resultados de um preparo, de um encontro, de uma liberação. O preparo pode ser o direcionamento da cabeça, normalmente o é, pois a cabeça, à primeira vista, concentra quase todos os sentidos. A cabeça também comporta os dois mecanismos de equilíbrio mais importantes: o óptico e o vestibular. O homem do ocidente está acostumado a preparar a ação utilizando a primeira ordem dos sentidos, a mais usual. Já as mãos estão mais habituadas ao contato propriamente dito, função primeira. Após agarrar, é preciso soltar, virar-se para a direção contrária. Dá-se a liberação.

A aproximação envolve a locomoção e os gestos, além do desejo, intenção, obrigação, saudade, resolução, necessidade, alívio, raiva, satisfação, objetivo, tesão, vontade. Chega-se por qualquer lado, pode-se rodear, pode-se penetrar. Há o estabelecimento de referência espacial-temporal com a coisa que se quer. E há uma expectativa do encontro, o confronto, o choque, o encaixe, o salto. Os segundos antes do contato reverberam no outro, na coisa desejada. A proximidade já é troca. O contato se dá no toque, no deslize, na transferência de peso, no transporte, no sustento. Mas o corpo também repele, empurra, espalha. Um corpo rejeita outro, não encontra junção, não frui a textura. É como permitir que uma palavra desgovernada deixe minha boca e aumente minha resistência a você. Ao executar a forma de ação espalhar, o corpo encaminha uma energia do seu centro para as extremidades e para a coisa. O contrário, a forma de recolher, possuir, advém de uma energia das extremidades do corpo que se encaminha para o centro. O corpo acolhe, abraça.

Hermes era o mensageiro. E o mensageiro está sempre em movimento, sempre em algum lugar entre o céu, a terra e o inferno. Suas sandálias de ouro tornavam-no muito veloz. Os espaços são transitórios, as coisas do mundo também. Hermes ocupa, conecta espaços, faz circular vozes, promove mediações.

“Mas e se eu nunca mais encontrá-lo. *O que devo fazer?*” Seu coração estremeceu. Antes de existir um ponto real de conexão com Tengo, a história era bem mais simples. Até então, encontrar-se com o Tengo adulto não passava de um sonho, uma hipótese abstrata. Mas, no momento em que Aomame o viu *de verdade*, a existência dele se tornou incomparavelmente mais real e poderosa do que antes. Aomame desejava a todo custo reencontrá-lo. Queria ser abraçada e que ele a acariciasse. Seu corpo e sua mente pareciam romper em duas partes só de imaginar que isso poderia não acontecer.¹³

O processo importa mais que o fim. Porque o fim não é irreduzível, porque o corpo se re-conhece no durante. O processo reencaminha, dá um novo sentido, não limita. Os meios devem ser os mais aprimorados, os melhores para o

propósito que se quer atingir. Não pensar no fim é como o corpo se experiencia, abre-se para as percepções. Para perceber os seus gestos, as suas reações imediatas. Muitas vezes, não é preciso fazer conscientemente um movimento, basta deixar que ele de tão necessário só possa acontecer. Um movimento acertado como único modo possível de ser num dado momento.

Os movimentos corporais ganham complexidade e singularidade quando executados. Formas corporais como recolher e espalhar, que exprimem possessão e repulsa, são fundamentais e originárias. São, no entanto, realizadas de maneiras únicas por cada indivíduo. Costumam nos acompanhar. São motivadas por inúmeros estímulos, são executadas com objetivos também incalculáveis. Recolher é fechar-se, assumir posição fetal, agachar-se, pegar. Espalhar é empurrar, é esticar-se, é lançar.

Gestos e movimentos dizem algo do corpo. Podem ser lidos. Não são mapas precisos e podem, muitas vezes, ser manipulados. Quanto mais se domina os movimentos do corpo, mais ferramentas se tem na comunicação. Gestos e movimentos dão indícios, também mentem. Gestos e movimentos alteram o mundo. Movimentam o que está parado. Os corpos alteram lugares físicos.

– Entendo... – Komatsu disse. Após soprar a fumaça do cigarro, calou-se, com uma expressão de total desinteresse. Mas, como não era de hoje que Tengo o conhecia, ele não se deixou enganar por essa atitude. Ele sabia que Komatsu era do tipo que, às vezes, expressava no rosto sentimentos opostos ao que sentia em seu íntimo. Ciente disso, Tengo aguardou pacientemente a iniciativa de Komatsu começar a falar.¹⁴

O movimento pode ser interno e se exteriorizar. Ou pode ser originado por uma força externa. Não precisa ser elaborado antes de concretizado. Não precisa ser consciente para expressar-se. O movimento externo é facilmente visto e pode ser analisado, indicando maneiras de fazer e de experimentar. Análise, aqui, não é decomposição e descrição. É experimentar o movimento no próprio corpo, tentar fazê-lo de maneiras outras. Um professor de atuação japonês disse a seus alunos para desconfiarem da aprendizagem teórica e da compreensão intelectual. As técnicas de atuação devem ser aprendidas através do corpo. Vale um fluxo livre ou controlado, um peso leve ou firme, um espaço flexível ou direto, um tempo sustentando ou súbito. Vale a recombinação desses elementos. Vale a supressão de um dos fatores.

Quando a ação é decupada nas imagens, vemos os impulsos, o preparo, os movimentos de transição. A olho nu, os olhos veem a ação concluída, perdem os detalhes. Observar o movimento de outro corpo faz voltar-se para o

Rudolf Laban nasceu em 1879 na Bratislava. Começou a estudar arquitetura, em Paris, mas abandonou para tornar-se bailarino e coreógrafo. Desenvolveu várias pesquisas não voltadas somente para o bailarino, e sim para qualquer corpo humano. Estudou os elementos constitutivos dos movimentos naturais do homem. Criou uma técnica que podia ser aprendida por qualquer pessoa que visasse um aprimoramento dos movimentos do corpo. Trabalhou com operários de uma fábrica, em Berlim, nos anos 1930. Em 1937, fugiu do país.

próprio movimento. O domínio dos movimentos passa por outros corpos.

O equilíbrio pode ser buscado no corpo todo. Quando se diminui os espaços no corpo, espaços entre as articulações, entre os órgãos, diminui-se o equilíbrio. O equilíbrio também se relaciona com o exterior, não ocorre apenas internamente. Reconhecer as sutilezas do equilíbrio permite que o corpo se organize a partir de um repouso equilibrado, em que produz novas ações, não respostas programadas, habituadas pelo corpo. Uma das posições de estar em pé é aquela em que as pernas estão posicionadas numa abertura mais larga que os ombros. É a posição das lutas orientais, porque é equilibrada e ativa. Pode-se sair dela para um movimento de forma ágil, redistribuindo o peso da posição estável entre as partes do corpo que se mexem. Ao caminhar, o corpo busca um equilíbrio de suas diferentes partes. A linha central e imaginária que perpassa o corpo é desestabilizada a cada retirada de um dos pés do chão e compensada com a mudança de peso de uma perna para a outra, com o movimento do tronco para a frente.

.....

Dia 1 – As distrações de minhas caminhadas diárias muitas vezes foram preenchidas por contemplações encantadoras de que lamento ter perdido a lembrança. Fixarei através da escrita as que ainda poderão me acontecer; cada vez que as reler, recuperarei o prazer. Essas folhas não passarão de um diário disforme de meus devaneios. Nele, muito se falará de mim, porque um solitário que reflete necessariamente se ocupa muito de si mesmo. De resto todas as ideias externas que me passam pela cabeça ao caminhar também ali encontrarão lugar. Direi o que pensei tal como me ocorreu e com tão pouco encadeamento quanto as ideias da véspera têm em geral com as do dia seguinte.

Caminhar exercita um grande número de músculos do corpo sem desgastá-los. Libera devaneios. Caminhar regula a respiração e a circulação sanguínea. Permite encontros. Caminhar aumenta os estímulos elétricos nos ossos, facilitando a absorção de cálcio. Dispõe os sentidos. Caminhar desacelera o envelhecimento. Alarga as direções. Caminhar ativa a produção de insulina no pâncreas e reverte a resistência à insulina de alguns corpos. Instiga o olhar.

Em outros séculos, a caminhada era um exercício físico que visava a saúde no que ela tinha de ligação com a higiene.

Caminhante, pedestre, andarilho, transeunte, passeador, multivago, errabundo, nômade, erradio, passante, caminhador, viajante, peregrino, lacalo, romeiro, vagabundo, andante, caminheiro, viandante, errante, vagamundo, aventureiro, viajante. Há quase tantas formas de definir aquele que caminha quanto há motivações para caminhar.

Exercícios deveriam agitar os humores, limpar o corpo dos excessos. Como os outros exercícios que tinham o mesmo objetivo, a caminhada podia ocorrer em qualquer espaço e deveria ser feita com moderação. Era preciso se precaver do clima, era importante que fosse moderada. Quando os humores e suas formas de evacuação tornaram-se retrógrados, a caminhada ascendeu. Com os banhos frios e a dieta, ela passou a ser um tônico sensível. Era muito indicada para as mulheres. As roupas femininas perderam até algumas camadas para facilitar no trajeto.

A caminhada não difere corpos, não hierarquiza. Não exige roupas nem espaços especiais. Com o passar do tempo, a caminhada foi reelaborada. Descobriu-se que independe do clima, do horário, da idade, do peso do corpo. Descobriu-se que independe do objetivo. Caminha-se por muitas razões. Para pensar, para chegar a um lugar. Para não pensar, para apurar os sentidos. Para conhecer algo ou alguém. Para não chegar a lugar nenhum. Apenas uma delas é o treinamento corporal.

A ação de caminhar também pode ser revista. O mal uso do corpo repercute nos passos. O corpo se organiza e se desorganiza a cada passo dado. Há quem coloque o apoio na lateral interna do pé, há quem o coloque na lateral externa. Se o tendão posterior for encurtado, o apoio será nas pontas. A execução correta consiste em colocar o calcanhar, em seguida borda externa, centro, borda interna e ponta. Movimento espiralado, não decomposto, natural. Assim que a ponta encosta o chão deve receber o peso do corpo. O peso na ponta do pé impulsiona o corpo a seguir adiante. Caminha-se. As sutilizações da diferença participam em cada corpo. Para cada medida do corpo único pode-se adaptar a caminhada para um melhor desempenho. Uma tradição japonesa consiste em olhar as solas dos sapatos dos pretendentes a marido. Os pais devem fazê-lo, pois se os calcanhares forem gastos significam que ele é preguiçoso. Enquanto um solado gasto nas pontas indica um corpo saudável e vigoroso.

Numa caminhada dura, a tensão pode ser colocada no pescoço, nas escápulas. Quando bem executada, quando a relação cabeça-pescoço-torso é bem resolvida, distribuindo o esforço corretamente por todo o corpo, a caminhada evita o desgaste excessivo de partes específicas, dá leveza e suavidade. Quando assim ela ocorre, quem a vê acha que só as pernas se movem. É que o corpo está funcionando num relaxamento muscular ideal, conseguido pelo melhor uso das partes sem excesso em nenhuma delas.

Frederick Matthias Alexander nasceu em 1869 na Austrália. Tornou-se ator e músico. Dava recitais, concertos e fazia sessões em que declamava textos dramáticos e humorísticos. A rouquidão e problemas respiratórios fizeram com que passasse a observar o próprio corpo no espelho. Por meio de suas experiências corporais, desenvolveu uma técnica que pretendia o melhor uso do corpo para que atinja as melhores posições. Ficou famoso. Médicos recomendavam seu treinamento. Durante a Primeira Guerra, mudou-se para os EUA. Entre as posições reaprendidas pelo corpo estão sentar-se, levantar-se, andar.

Dia 2 – Senti isso nas caminhadas. A planície, ainda verde e agradável, mas em parte desfolhada e quase deserta, apresentava por toda parte a imagem da solidão e da

aproximação do inverno. Resultava de seu aspecto uma mistura de impressões doces e tristes, análogas demais a meu destino para que não as aplicasse a mim. De repente, vi se lançar sobre mim um grande cão dinamarquês que não teve tempo de parar sua corrida ou desviar ao me ver. Calculei que a única maneira de evitar ser atirado ao chão era dar um grande salto, tão preciso que o cão passasse por baixo de mim enquanto estivesse no ar. Essa ideia, mais breve que o relâmpago, que não tive tempo nem de considerar nem de executar, foi a última antes do acidente. Não senti nem o golpe nem a queda, nem nada do que se seguiu até o momento em que voltei a mim.

A caminhada é uma atividade física composta pela soma de um mesmo movimento complexo e completo: andar. A mais básica de nossas ações, pois uma das primeiras. E que envolve um multifacetado conjunto de referências mentais, sensoriais e motoras. Aprendemos a andar sem refletir sobre as dificuldades. Aprendemos com o risco, a queda, a repetição, o desejo. Não pensamos em cada parte que deve se mexer, cada músculo que deve adquirir tônus. Andamos. A criança um dia anda. Descobre uma nova utilidade para os seus membros inferiores. A partir dela, um acervo de possibilidades se abre, pode-se correr, pular, dançar. Ações derivadas da primeira. Não, não é preciso andar para dançar. Mas andar implica, em algum momento, dançar. Andar, uma ação quase accidental, um das funções do corpo, transforma-se num movimento liberal, na abertura para imaginações diversas.

Caminhar serve à escrita. Acontece nos romances, poesias, confissões. Palavras deslocam os homens. “Ocorre uma certa reciprocidade entre meu passo e meus pensamentos, com meus pensamentos modificando o meu passo; com meu passo excitando meus pensamentos.”¹⁵ Paul Valéry conta que um dia, enquanto caminhava, sua “máquina de viver” foi tomada por “ritmos inesperados”, uma composição cada vez mais complicada. Paul Valéry, que sempre manobrou ideias e imagens durante a caminhada, não soube o que fazer com a música que criara. Quando se conscientizou da intuição rítmica, ele a perdeu.

Um certo dia, quando os dois caminhavam pelo parque, se depararam com um concerto ao ar livre e resolveram assistir. Naquele momento, de repente, Janáček sentiu a felicidade aflorar por todo o seu corpo, e foi ali que nasceu o tema da *Sinfonietta*. Posteriormente, ao recordar esse passado nostálgico, Janáček revelou que naquele dia sentiu como se algo rompesse dentro de sua cabeça, proporcionando-lhe uma agradável sensação de êxtase. Naquela época, por acaso, ele estava incumbido de compor uma fanfarra para

A marcha atlética exige o treinamento do corpo para um procedimento usual, andar. É uma mistura de caminhada e corrida. Nela, o dedo do pé de trás só pode sair do chão quando o calcanhar do pé da frente encosta o chão. Alguma parte de um dos pés deve sempre tocar o chão. A falta é chamada de salto. A perna de sustentação deve estar esticada até que a outra perna a cruze e o calcanhar encoste o chão. É esta exigência que faz o quadril se movimentar. A marcha foi inventada no século XVII. Edward Payson Weston, no século XIX, fez alterações e utilizou-a para percorrer o continente americano.

uma grande competição esportiva, e a *Sinfonietta* surgiu justamente da junção do tema da fanfarra e da “inspiração musical” que teve no parque. O livro ressaltava que, apesar da denominação “pequena sinfonia”, a composição nada tinha de tradicional, e a combinação de metais utilizados em fanfarra – para ocasiões festivas e grandiosas – com instrumentos de corda, das refinadas orquestrações da Europa Central, criava uma atmosfera única, original.¹⁶

Dia 3 – Decidi utilizar a caminhada do dia seguinte para me questionar sobre a mentira e segui convicto de que Conhece-te a ti mesmo do templo de Delfos não seria uma máxima tão fácil de seguir. A primeira coisa que me veio à mente ao começar a concentrar-me foi uma mentira horrível contada em minha juventude. O que mais me surpreendeu foi que, ao relembrar essas coisas inventadas, não senti nenhum arrependimento verdadeiro. Conheci pessoas que, na sociedade, chamamos de verdadeiras. Toda a sua veracidade se esgota em conversas inúteis, citando de maneira fiel os lugares, as datas, as pessoas, não se permitindo nenhuma ficção, não acrescentando nenhuma circunstância, nada exagerando. O homem que chamo de verdadeiro faz exatamente o contrário. Em coisas de todo sem importância, a verdade que o outro tanto respeita o toca muito pouco, e ele terá pouco escrúpulo em divertir uma companhia com fatos inventados dos quais não resulta nenhum julgamento injusto, nem contra nem a favor de quem quer que seja, vivo ou morto.

A caminhada estabelece uma outra relação com o tempo e o espaço. O tempo é suspenso, o espaço é subjetivado. O corpo impõe um tempo. O tempo, na caminhada, é uma vontade. Pode ser um quociente, resultado de um excessivo gasto de energia. O espaço modifica-se incessantemente à medida que se especifica. Ganha detalhes. Detalhes passageiros. Caminhar envolve ação de diferentes partes do corpo, do pensamento. Caminhar é vivenciar o seu interior. Relacioná-lo ao exterior ou retirar-se dele.

Os caminhos são sulcados na terra pelo homem, pela água, pelos animais, pelo fogo. Caminhos não são fixos. Mas guardam marcas de seus passantes. Caminhantes deixam rastros que transformam-se em indícios. Indicam peso, estatura, pertences, companhias, temperamentos, intenções. Rastros desaparecem, misturam-se, são alterados. O caminho também se movimenta. Leva a um fim ou a uma bifurcação. A caminhada obriga a decisões mesmo do corpo que só quer vaguear.

Klauss Vianna nasceu em Belo Horizonte, em 1928. Bailarino e coreógrafo, inventou a sua própria técnica de preparação do corpo. Não apenas dedicada a bailarinos e atores, mas a qualquer um que quisesse aperfeiçoar sua percepção corporal, que quisesse rever as próprias posições e movimentos. Uma vez deu um curso para senhoras. Descobriu que o cotidiano delas envolvia os trabalhos domésticos. Pediu que levassem os instrumentos usados na limpeza para a aula e que fizessem os movimentos habituais realizados em casa. Depois, disse que deveriam repeti-los tornando-os agradáveis, simples e conscientes. Foi quando perceberam que usavam mal o corpo.

Apesar de ser muito mais cômodo caminhar pela estrada, os guiliaks preferem andar no meio da floresta, distante da estrada. Andar na estrada significa ter de reelaborar a própria noção de caminhar. E isso implica reelaborar outras coisas.¹⁷

Marina Abramovic e Ulay percorreram a Muralha da China, o corpo de um dragão dormindo. Ele começou pela cauda, oeste, e ela pela cabeça, leste. Caminhariam até se encontrarem. Quando concebida, 8 anos antes, a performance chamava-se *The Lovers*, mas demorara 5 anos para que obtivessem a licença do governo chinês para fazê-la. Quando saiu a permissão, em 1989, tinham acabado de se separar. Decidiram manter a peça. Quase toda a ideia original fora alterada na prática. Eles não poderiam estar sós, não poderiam acampar, não poderiam caminhar nas áreas militares. Decidiram manter a peça. Durante 4 anos, viveram no carro, viajaram por diferentes países. Suas performances e o período em que viveram viajantes lidavam com o risco, o limite, a dor, o movimento, a ausência de ensaio, de um fim determinado, de repetição. A caminhada pela Muralha da China durou 3 meses. Era para ser um momento de meditação, de se situar num espaço, de ir ao encontro do outro. Para ele, a ação de caminhar tornou-se mecânica, a terra movendo abaixo de seus pés como uma esteira. Ele media a muralha com seu corpo. A caminhada tornou-se um estudo da China e da energia envolvida em seus estados emocionais. Para ela, a caminhada foi um risco diário. A parte do muro que percorreria era alto, nas montanhas, o chão era composto de pequenas pedras. Trêmulo, oscilante. A caminhada causava dor e exaustão. A muralha tornou-se o foco de sua atenção. Não deveria pensar no passado ou no futuro. Não havia planos, nada era fixo. A única decisão era caminhar todos os dias. Quando se encontraram, após 90 dias, ela chorou e ele fez um comentário sobre o sapato dela. Ambas as experiências não correspondiam. A expectativa que tinham um do outro durante os três meses em que andaram o muro não fora alcançada.

Em 2003, o astronauta chinês Yang Liwei deu 14 voltas ao redor do planeta Terra. Ele declarou que não era possível ver a Muralha da China do espaço sem o uso de aparelhos visuais. Até esse momento ainda se acreditava que a muralha era o único monumento feito pelo homem que poderia ser visto do espaço. Foi o astronauta americano, Gene Cernan, quem fez essa declaração em 1972. Muito antes dele, em 1938, o livro *Maravilhas do Mundo*, de Richard Halliburton, já trazia essa afirmação. Em 2003, o governo chinês mandou retirar o fato das cartilhas escolares.

Dia 4 – Quase não temos movimentos maquinais cuja causa não possamos encontrar em nosso coração se soubermos procurar bem. Essa caminhada era bastante banal em si, mas ao me lembrar que fizera maquinalmente diversas vezes o mesmo desvio, procurei a causa em mim mesmo e não pude deixar de rir quando consegui esclarecê-la. Esse prazer tornado aos poucos hábito se encontrou, não sei como, transformado em uma espécie de dever cujo incômodo logo comecei a sentir. A partir disso, passei por ali com menos boa vontade e, por fim, peguei maquinalmente o costume de fazer quase sempre um desvio quando me aproximava daquela barreira. Eis o que descobri ao refletir

sobre isso, pois nada disso ocorrera, até o momento, com discernimento à minha mente. Essa observação me lembrou pouco a pouco das inúmeras outras que me confirmaram que os verdadeiros e primeiros motivos da maior parte de minhas ações não são tão claros a mim mesmo quanto por muito tempo imaginei.

Caminhar é um hábito. Alterar hábitos corporais é olhar para o próprio corpo e rever a maneira como nos colocamos para o mundo. Para alguns povos, reelaborar noções abstratas passa pela reelaboração de ações corporais. Andar pela floresta era um hábito dos guiliaks. Apesar de não serem bélicos e de não se oporem à chegada de estrangeiros na região – os russos transformaram a ilha numa colônia penal no século XIX –, os guiliaks mantiveram o hábito de caminhar pela floresta densa ao lado da estrada, em fila indiana, por causa das dificuldades. Caminhar é uma fuga. É colocar-se em movimento, retirar-se de um estado de repouso, de uma situação, de um momento. Caminhar implica deixar algo ou alguém para trás.

Retirar-se do cotidiano, buscar um convívio consigo, fincar um intervalo entre ações massivas e repetitivas, afastar-se dos sons incessantes da cidade são razões para caminhar, não são modos de vivenciar o silêncio. Parques, campos, sítios, florestas, alternativas comuns para as caminhadas do nosso século, espaços de treinamento físico que prospectam saúde, beleza e bem-estar, não são espaços de fruição do silêncio, de retorno à origem. O silêncio é uma abstração. O corpo é sonoro. Os espaços são sonoros. Antes, quando havia apenas florestas, mares e montanhas, não havia silêncio. Talvez, a busca pelo silêncio seja somente uma expressão mal alojada de uma ausência de percepção do próprio corpo, de sua organização e complexidade, de sua potencialidade. O corpo está em constante movimento. E movimento não é silêncio.

Não. Não é que não havia ninguém. Alguém nas proximidades estava martelando um prego na parede: toc-toc-toc-toc. Uma batida seca e constante. A parede parecia ser extremamente maciça, e o prego, resistente. “Quem estaria batendo um prego na parede numa hora dessas?”, Tenho achado estranho e olhou novamente ao redor, mas não encontrou nenhuma parede sendo martelada. Somente um tempo depois é que ele percebeu que esse barulho desagradável eram as batidas de seu coração, que, estimulado pela adrenalina, bombeava rapidamente uma grande quantidade de sangue pelo interior de seu corpo.¹⁸

O laboratório Orfield, em Minneapolis, foi construído onde, antes, era um estúdio de gravação, que foi usado por Bob Dylan no disco *Blood on the tracks*. O laboratório possui uma câmara anecóica, criada para absorver o som. Os sons emitidos dentro dela são percebidos sem ecos, sem distorções ou reflexões. O quarto é escuro. Uma pessoa dentro dele ouve, com nitidez, os sons do próprio corpo.

Dia 5 – Todas as manhãs depois do café da manhã com uma lupa na mão e meu Systema naturae embaixo do braço, ia visitar o cantão da ilha, que para isso dividira em pequenos quadrados na intenção de percorrer um depois do outro em cada estação. O exercício e o bom humor dele indissociável tornavam o descanso do almoço muito agradável; porém, quando este se prolongava demais e o bom tempo convidava, não podia esperar tanto e, com todos ainda à mesa, me esquivava e pegava sozinho um barco que conduzia para o meio do lago quando a água estava calma; ali, me estendendo ao comprido dentro dele com os olhos voltados para o céu, me deixava ir e derivar lentamente ao sabor das águas, às vezes por várias horas, mergulhado em mil devaneios confusos, mas deliciosos, que sem terem algum objeto bem-determinado ou constante não deixavam de ser, na minha opinião, cem vezes preferíveis a tudo o que encontrara de mais doce nos chamados prazeres da vida.

A caminhada como treinamento físico é uma atividade aeróbica, atua no sistema cardiorrespiratório e vascular e no metabolismo do corpo. Faz o oxigênio queimar gordura para gerar energia aos músculos. Mas só após 20 minutos de atividade esse processo se inicia. Deve ser realizada, pelo menos, três vezes na semana e deve manter um ritmo acelerado. A caminhada como treinamento não é relaxamento, não é uma distração do corpo. Ela regula os batimentos cardíacos, treina o coração a manter uma frequência sem variações bruscas mesmo em situações-limite. Uma frequência cardíaca entre 70 e 90%, na caminhada, faz com o que corpo queime gordura de forma mais eficiente. Acima, o corpo passa a trabalhar anaerobicamente. Interrompe a circulação de oxigênio no sangue e passa a produzir ácido láctico. Envolve um esforço intenso de músculos específicos e, por isso, tem uma curta duração.

O treinamento físico, aeróbico ou anaeróbico, não permite longas pausas durante o processo. E pede a repetição quase diária. A caminhada trabalha uma grande quantidade de músculos sem desgastá-los tanto quanto a corrida. O impacto no solo é mais brando. Articulações e ossos duram mais.

Em 1997, Francis Alÿs caminhou pelas ruas da Cidade do México, empurrando um bloco de gelo. O bloco deixava um rastro atrás dele que desaparecia após alguns minutos. Uma escrita aparecia e desaparecia no tempo ininterrupto do ciclo da água: o gelo se torna líquido e, logo, evapora. Contato, fricção, troca de peso entre um corpo e um bloco de gelo. Na ação de empurrar com os braços o bloco, a energia se desloca do centro do corpo para as extremidades. Braços

O primeiro livro sobre a ginástica, escrito no século XVI, rodou a Europa até o século XVII, difundindo os efeitos benéficos da evacuação. Mercurialis, seu autor, dizia que o exercício aumentaria o calor e a fricção das diferentes partes do corpo, provocando firmeza da carne e menor sensibilidade à dor.

empurram e contactam a pedra, pernas caminham e pressionam o chão. O esforço é do corpo todo, que tensiona músculos no contato com o objeto que se movimenta. A pedra se esfregava no chão. O atrito entre ela e os desníveis do caminho gerava sonoridade. A duração da caminhada é a duração do derretimento de todo o bloco, 6 horas e 32 minutos. *Paradox of Praxis I (Sometimes making something leads to nothing)* experimenta um esforço que não engendra resultados práticos. O que resta é uma pequena poça d'água no chão que evapora em minutos. O esforço é um gasto de energia do corpo, de açúcar, de gordura. Caminhar, empurrando um bloco de gelo pelas ruas de uma cidade, uma atividade aeróbica. Uma analogia aos esforços dos transeuntes mexicanos pela melhoria de suas condições.

O meio-passo desloca, mas, para o corpo acostumado com o passo completo, meio-passo é controle e impedimento. Trata-se de uma perna colocar-se ao lado da outra ao invés de cruzá-la. O meio-passo, combinado a outros movimentos, é muito usado na dança.

Dia 6 – Uma de minhas navegações mais frequentes era ir da grande à pequena ilha, ali desembarcar e passar a tarde fazendo caminhadas bastante circunscritas em meio a salgueiros, amieiros, persicárias e arbustos de todas as espécies, ou me estabelecendo no cume de uma colina arenosa coberta de grama, serpão, flores e inclusive esparzeta e trevos, que é provável tenham sido semeados há muito tempo. Quando o lago agitado não permitia a navegação, passava minha tarde percorrendo a ilha e herborizando de alto a baixo. Tudo na terra está em um fluxo contínuo: nada mantém uma forma constante e fixa, e nossas afeições, que se apegam às coisas externas, necessariamente passam e mudam com elas. Sempre à frente ou atrás de nós, elas lembram o passado que não é mais ou preveem o futuro que muitas vezes não deve acontecer: não existe nada sólido a que o coração possa se apegar.

Caminhar é uma experiência antropológica. É se perceber no mundo, no lugar que ocupa momentaneamente enquanto passa, na relação com o espaço físico e com o outro, na interferência do homem nesse espaço. É deixar que o pensamento seja afetado pelo entorno físico. Uma geografia mental se processa. Por ser uma relação do corpo com o espaço daquele instante, a caminhada promove revelações e é sempre renovada. Porque mesmo que se repita sempre o mesmo caminho, o movimento do corpo, do espaço, dos outros corpos, não cessa. Ainda que se reconheça todo o trajeto, caminhar traz em si o impulso do acontecimento.

Thoreau andava. Se precisasse ir a outra cidade, não pegava o trem. Para ele, era uma vantagem. Ganhava o tempo em que não trabalhou, ganhava o dinheiro que não gastou no trem, ganhava a paisagem, a aquisição de conhecimento do andarilho. Para ele, caminhar em direção ao oeste era o mais

natural. O homem desde o início tendeu seguir a direção oeste. Para o leste, vamos de encontro às obras de arte, à literatura, à nossa origem. Para o oeste, seguimos rumo ao futuro, à aventura do desconhecido. A rotação da Terra é no sentido anti-horário, oeste-leste. No Japão, alguns acreditam que dorme-se melhor com a cabeça voltada para o leste, acompanhando o sentido de rotação da Terra. O Brasil está a oeste. Sua mestiçagem é cruzada, múltipla, complexa. O processo de conhecimento deve ser mestiço. Adquirir outra língua, adquirir outra ciência, é adquirir outro corpo. Saber é também colocar a cabeça em uma atmosfera que os pés desconhecem.

Animais se deslocam por longas distâncias periodicamente. As migrações são sazonais, reprodutivas ou ocorrem devido a condições alimentares. Suspeita-se que muitos animais conseguem retornar, porque possuem um sistema de navegação baseado no campo magnético da Terra. As ressonâncias de Schumann serviriam de orientação aos animais. Há relatos de que o corpo humano adoece na ausência das mesmas.

Tengo caminhou pelo bairro de Kôenji. O dia estava escurecendo e soprava um vento gelado, mas isso não o incomodava. Gostava de pensar enquanto caminhava. E então se sentar diante da mesa e dar forma a essas ideias. Fazia parte de sua rotina. Por isso, não se importava em caminhar na chuva ou no vento. Chegou em frente ao bar Muguiatama. Como não lhe ocorreu nada para fazer, resolveu entrar e pediu um chope Carlsberg. O bar tinha acabado de abrir, e não havia nenhum cliente. Tengo parou de pensar, esvaziou a mente e tomou tranquilamente a sua bebida.¹⁹

Caminhar não é apenas locomoção, é aventurar-se pela natureza, dispor-se a se perder, contemplar o que nela há. Na época de Thoreau, quando ainda havia muitas áreas naturais, ele considerava que homem que apenas se locomove pelas estradas é como máquina, é como animal domesticado que responde ao primeiro chamado, paralisa-se.

Thoreau gostaria que os casacos feitos de peles de animais cheirassem à relva e não à biblioteca. Esta aglomera papeis e poeira, aglomera saberes, mas não contém a única forma de conhecimento. O conhecimento também se apreende do lado de fora das construções humanas. Thoreau lia muitos livros. Livros são também formas de caminhar. Caminha-se por espaços desconhecidos, criados. Nossa imaginação nos permite percorrer lugares distantes mesmo com o corpo sentado.

Que é preciso frequentar as bibliotecas, é certo; convém, com certeza, tornar-se erudito. Estude, trabalhe, sempre ficará alguma coisa. E depois? Para que exista um depois, quero dizer, algum futuro que ultrapasse a cópia, saia das bibliotecas e corra para o ar puro; se continuar lá dentro, nunca escreverá nada além de livros feitos de livros. Tal saber, excelente, contribui para a instrução, mas o objetivo desta é alguma coisa que não está nela mesma. Do lado de fora você tem outra chance.²⁰

Dia 7 – Todas as minhas caminhadas botânicas, as diversas impressões da localização dos objetos que me chamaram a atenção, as ideias que me provocaram, os incidentes a eles ligados, tudo isso me deixou impressões que se renovam quando vejo plantas herborizadas nesses mesmos locais. É a cadeia de ideias acessórias que me liga à botânica. Ela traz e lembra à minha imaginação todas as ideias que mais a deleitam. A botânica é o estudo para um ocioso e preguiçoso solitário; uma ponteira e uma lupa são os únicos aparatos de que precisa para observá-las. O prazer de entrar em um deserto para procurar novas plantas encobre o de escapar a meus perseguidores e, chegando ao local onde não vejo sinal dos homens, respiro mais à vontade, como em um refúgio em que seus ódios não mais me persigam.

A amplidão da natureza contrasta com a cultura das cidades. O homem não precisa abrir mão dela para viver em sociedade. A caminhada, não com a pretensão de uma atividade física, não como método de treinamento que vise um melhor desempenho do corpo, a caminhada como um vagueio por espaços abertos e naturais é também uma maneira de manter o corpo saudável. Isentar-se do mundo, das obrigações, dos laços sociais, repara o corpo dos desgastes diários, retira o homem de um ciclo repetitivo de inquietações e comportamento. Caminhar pode ser não se concentrar em si e ainda assim estar de corpo inteiro na ação, no espaço que percorre.

A caminhada acumula poeira no corpo, cria uma crosta. A crosta é aquisição. A experiência se relaciona com o pensamento e com o acúmulo de poeira no corpo. Em alguma medida, a crosta pode ser removida. Também nos conhecemos na experiência do corpo com a natureza, com o rústico, com o estado mais selvagem dos instintos. No corpo, há hábito e vigor naturais. Até nos animais domesticados resta algum instinto inerente à pele, pronto a ser ativado. Os perigos naturais alertam o corpo e fazem com que tome ações imediatas. O pensamento se realiza na ação imediata do corpo posto em seu limite. O conhecimento é sensível. Há diferentes tipos de conhecimento. Aqueles adquiridos nos livros e nas relações sociais é somente um deles.

Caminhar na natureza é retirar-se das convenções impostas ao corpo, uma aventura de seus próprios gestos. A natureza exige outra disposição. O ciclo também repetitivo dela impõe outra perspectiva, observação, o estabelecimento de um outro centro de gravidade, porque pisa-se outro chão. Aquele que conecta os pensamentos à prova física. Alterar o centro de gravidade permite rever sua posição no mundo, colocar credibilidade nos recursos do corpo.

A gravidade zero não existe. Segundo Einstein, a estrutura do espaço é estabelecida pela força de gravidade que os corpos exercem uns sobre os outros. No espaço sideral, há a microgravidade. A sensação de ausência de peso quando se está numa nave em órbita da Terra é apenas uma sensação. Parecida com aquela que se tem num elevador. Quando as forças N e P não se anulam, tem-se a sensação de leveza ou de achatamento. Se o cabo do elevador arrebenta, a aceleração e a gravidade tornam-se iguais, de modo que tudo no elevador se movimenta. A força N cai para zero e a pessoa sente que está flutuando. Se ela soltar um objeto dentro do elevador também o verá flutuar. No entanto, uma pessoa do lado de fora fixa num ponto da Terra, vê tudo em queda livre.

Tengo suspirou. Não tinha mais nenhuma pergunta a fazer para tentar esclarecer o que havia acontecido na noite anterior. O caminho estreito e incerto terminava ali e, dali para a frente, só havia uma densa floresta. Ele firmou os pés no chão, olhou ao redor e mirou o céu. Aquele era o problema de conversar com Fukaeri. Todos os caminhos terminavam infalivelmente no mesmo ponto. Os guiliaks continuariam a jornada mesmo sem existir o caminho. Mas para Tengo era impossível.²¹

Dia 8 – Lembro-me perfeitamente que, durante meus breves períodos de prosperidade, essas mesmas caminhadas solitárias que hoje me são tão deliciosas me eram insípidas e entediantes. Quando estava na casa de alguém no campo, a necessidade de me exercitar e de respirar o ar livre me fazia muitas vezes sair sozinho e, me escapando como um ladrão, ia caminhar no parque ou no campo; porém, longe de encontrar a tranquilidade feliz que experimento hoje, para lá levava a agitação das vãs ideias que haviam me ocupado no salão; a lembrança da companhia que lá deixara me seguia na solidão; os vapores desbotavam a meus olhos o frescor dos bosques e perturbavam a paz do retiro. Por mais que fugisse para dentro dos bosques, uma multidão inoportuna me seguia por todos os lados e encobria toda a natureza.

A caminhada pode ser um momento de estar só. Rousseau se mudou para o campo para fugir dos homens. Não queria mais viver com eles. Acreditou até que achara um local no meio do deserto em que ninguém estivera antes. Sentiu-se orgulhoso, um viajante que descobre uma ilha desconhecida. Logo, ouviu sons humanos e descobriu uma área ocupada a poucos metros dali. Rousseau riu de si.

Thoreau não se contentava em caminhar. Era preciso fazê-lo pelos bosques, lagos e florestas. A estrada é criação humana, reflete o homem, e leva às cidades. Na cidade, confronta-se com a lei, a ordem, a igreja, o Estado. Thoreau prefere se perder na floresta e passar dias sem cruzar com homem nenhum.

A caminhada na cidade acontece na multidão. Pode-se estar só ao mesmo tempo que cercado por toda gente. Em *Caminhando*, de Lygia Clark, não há autoria. Importa o ato e o ato acontece num espaço-tempo, num momento único. Não existe antes e depois, direita e esquerda, frente e verso, dentro e fora. Apenas a escolha do caminho percorrido. Só importa o tempo e espaço de expressão do autor-espectador. *Caminhando* é dissolver-se no coletivo. A realidade torna-se uma totalidade revelada durante aquele tempo. Há uma totalidade mesmo na singularidade, na vida privada que separa os corpos. Tempo e espaço envolvem todos os corpos.

Em 1890, Tchekhov decide conhecer as Ilhas Sacalinas, no leste da Rússia, local onde se encontra uma colônia penitenciária, para um estudo sobre o sistema prisional. Lê informações de diversos exploradores e faz seu próprio diário de bordo. Demorou quase 12 semanas para chegar à ilha. Suas notas trazem descrições da flora e da fauna, dos tipos de solo, dos hábitos dos nativos, da relação servil entre colonos e presos, das péssimas condições de higiene e dos problemas do sistema prisional russo. Seu plano de viagem tinha a duração de três meses.

Sugerem ritmo. O ritmo é movimento. Uma pulsação num intervalo de tempo. Tudo no mundo tem ritmo e a percepção do ritmo é comum aos corpos. Nos passos da multidão, um mesmo ritmo pode ser compartilhado temporariamente. Na proposição de Lygia Clark, o corpo não se transforma em objeto, em arte. A proposição é criação de corpo. *Caminhando* consiste em pegar uma faixa de papel branca, torcê-la e unir as pontas como a fita de Moebius. Depois, enfie uma tesoura num ponto da fita e corte-a no sentido do comprimento. Após a primeira volta, basta escolher a lateral direita ou esquerda da primeira linha ao invés de cair na parte já cortada. Continua-se percorrendo a fita de Moebius com a tesoura até que o caminho seja estreito demais para continuar. O fim do trajeto não é uma conclusão, é um impedimento. Porque muito estreito, porque muito entrelaçado. Não porque atingiu-se um ponto final. A fita de Moebius não tem fim. Não faz nó e sim uma dobra. Mais que uma dobra, uma articulação.

A fita de Moebius é um espaço topológico. Foi descoberta em 1858, quando o matemático, Auguste Ferdinand Möbius, estudava a teoria dos poliedros. A fita tem uma única superfície não orientável. Ao voltar ao ponto de origem, está-se em uma imagem refletida da superfície. Quando cortada ao longo de seu comprimento gera anéis paradrômicos.

Perplexa sinto a multidão nos metrô, na cadência dos passos somados, no cruzamento de corpos que quase se tocam mas que se afastam, cada um tomando rumos secretos de existência privada. Falo e ninguém entende. Não consigo comunicar essa mudança de conceito que para mim era tão profunda e radical dividindo a arte entre “o que já era” e o que poderia ser. Sinto profundamente a queda de valores de palavras que deixaram de ter significado, como o “gênio” e a “obra”, o individualismo. Penso e vivo a morte. Sinto a multidão que cria em cima do meu corpo, minha boca tem gosto de terra.²²

Não há molduras. Não há limites. Nem no espaço da arte nem na própria escrita. Trata-se de experiência que pode se dar na relação com elementos naturais, no amor, nos gestos, na presença do papel. O corpo coletivo é uma rede de pessoas dispostas a colocar o fora dentro e o dentro fora. E ainda assim cada pessoa segue o seu caminho. A temporalidade de *Caminhando* é o ato. E o ato é a soma de uma sucessão de escolhas.

Dia 9 – Senti ao caminhar que alguma coisa faltava, uma necessidade crescente me trazia de volta sobre meus passos. Pensei ver em sua ação sem motivo aparente uma espécie de inspiração que não devia ser desdenhada. E me restou desse encontro apenas uma lembrança bastante intensa, mesclada de doçura e tristeza, como todas as emoções que ainda penetram meu coração, que uma reação dolorosa sempre acaba apertando. Tudo na terra está em um fluxo contínuo que não permite a nada assumir uma forma constante. Tudo muda à nossa volta. Nós mesmos mudamos,

e ninguém pode garantir que amará amanhã aquilo que ama hoje. Assim, todos os nossos projetos de felicidade nessa vida são ilusões. Aproveitemos o contentamento do espírito quando ele ocorre; evitemos afastá-lo por erro nosso, mas não façamos projetos para acorrentá-lo, pois tais projetos são puras tolices.

Antigamente, peregrinação era andar por terras distantes com intuito religioso. Na Idade Média, as pessoas que vagueavam, pedindo ajuda para ir à Terra Santa, ficaram conhecidas como *sauntering* (*Sainte Terre – Sainte Terrer – Saunterer*). A peregrinação era para se depurar dos pecados, preparar-se para o paraíso. Morrer na estrada era sinal de que a alma fora salva. Hoje, a fé não necessariamente está num lugar físico, a longa caminhada pode ser só uma busca interior. O significado de peregrinação e o *sauntering* não têm um vínculo com a religião.

A peregrinação é um desenraizamento, um abandono, é a busca por um outro olhar, é embrenhar-se por terras longínquas, é dispor um tempo contado pela distância percorrida cada dia, é uma transformação interior, é a criação do tempo, é abrir-se ao desvio, é perder alguns pré-requisitos. Institui-se laços em movimento, laços que se movimentam. Relações que duram o breve momento da passagem, relações que acompanham a caminhada. Relações que não se fixam no espaço e sim na memória e na expectativa de um reencontro.

Paulo Nazareth caminhou do Brasil aos Estados Unidos. Não uma linha reta, não definindo o norte como ponto fixo. Algumas vezes eram três passos ao norte e um ao sul. Um ir e vir acordado pelas circunstâncias. Levou um ano em sua peregrinação, *Notícias de América*. Uma residência móvel, uma pesquisa de campo, uma arte de conduta. Era uma coleta de hábitos, modos de vida, coleta de identidades. Suas próprias identidades. Paulo Nazareth viu-se confundido com negro, brasileiro, índio, cubano, marroquino. “As identidades balançam, sua localização se perde nas vizinhanças imprecisas, a contradição hesita mesmo ante o confuso.”²³ Além do acúmulo de imagens, memórias, histórias, contatos, narrativas, acumulou poeira nos pés. Paulo Nazareth fez todo o percurso com havaianas. Na fronteira da Guatemala com México, os pés são patas rachadas. Pela caminhada, pelo trabalho, pelo desgaste diário. Os pés sujos são uma metáfora das migrações, do seu percurso, de sua percepção de que é um Latino Americano ou apenas um Americano. Os pés sem água, em contato direto e ininterrupto com a poeira, formam uma crosta em constante modificação. Parte da poeira se renova. Os pés se transformam assim como o seu portador. As unhas foram se perdendo pelo caminho. Unhas são formadas por células

A toesa era o sistema de medida em vigor na França até o final do século XVIII. Foi padronizada em uma barra de ferro com dois pinos nas extremidades colocada na parede do Grand Chatelet. Cada toesa é equivalente a 6 pés, quase dois metros. Depois, veio o metro, a unidade de medida que seria a décima milésima parte de um quarto do meridiano terrestre. Os franceses Jean Baptiste Delambre e Pierre Méchain mediram o meridiano. Hoje, o metro é definido pelo comprimento do trajeto que a luz percorre no vácuo, durante o intervalo de tempo de 1/299.792.458 do segundo.

mortas. Elas quebram e não sentimos dor. Os pés foram lavados nas águas do Rio Hudson. Ele levou a poeira de toda a América para os Estados Unidos.

Dia 10 – Uma de minhas caminhadas preferidas era ao redor da Escola Militar. Quando por acaso encontro alguém que tenha escapado às instruções comuns, ou que não reconhecendo minha figura não demonstre nenhuma aversão, a honesta saudação desse único me recompensa pelo comportamento rebarbativo dos demais. Cedo a todos os impulsos existentes; todo choque provoca em mim um movimento intenso e breve; assim que cessa o choque, o movimento cessa, e nada que passou pode se prolongar em mim. Todos os acontecimentos do acaso, todas as máquinas da humanidade têm pouco poder sobre um homem assim constituído.²⁴

Para Thoreau, a caminhada não era uma linha reta, mas antes uma órbita, uma espiral, que sempre tendia para o oeste. O espaço era todo feito de curvas. E se prestássemos atenção a um magnetismo sutil da natureza, saberíamos o caminho a seguir. Não é indiferente o caminho, não deve ser qualquer um. Uma direção clara de pensamento, a compreensão de seus movimentos no espaço, define a escolha do caminho certo. Há um caminho certo.

Na caminhada, ouvimos o mundo. Ouvimos pela pele, pelos pés, pelos músculos, tendões, nervos. O equilíbrio do caminhar, se tem um centro muito específico localizado nos ouvidos, também está expandido para as periferias. O corpo caminha entre os ruídos e ritmos, ondas sonoras. O cérebro é analisado pela ciência por meio de suas ondas reproduzidas num eletroencefalograma. Se emergimos nas ondas, alteramos a forma do movimento, porque foi alterado o impulso inicial. O esforço que se coloca ao iniciar um movimento, o esforço do ponto de origem, de uma alavanca, o esforço gerado no apoio e pressão de outro corpo, contrapeso, pode ser reorganizado no corpo quando se insere numa onda preexistente. A onda é espiralada. Os movimentos físicos mudaram, alteraram os esportes e os costumes. Surfistas criam novas possibilidades de surfe, mas continuam condicionados à volubilidade da onda. As manobras são poucas. Elas se diferem na onda. Nenhum surfista pega onda do mesmo jeito. Todos conhecem os perigos do mar. A filosofia é feita de movimentos. De um ir e vir. Não se trata de seguir uma linha reta, de uma reflexão *sobre*. A filosofia cria conceitos capazes de movimentos intelectuais. Trata-se de um *chegar entre*. Conceitos são um composto de linhas,

Ao andar na diagonal experiencia-se um modo de andar livre na ocasião em que as pernas estão abertas, e um modo de andar obstruído, quando uma perna cruza na frente ou atrás da outra. Os passos ocorrem na diagonal, mas os quadris devem manter a posição original para que a frente do corpo não se altere.

de curvas, uma região de um plano estabelecido numa lógica da multiplicidade.

- Não precisa se mover – disse Fukaeri.
- Eu preciso me mover; este é o *meu* corpo – disse Tengo.

Fukaeri não fez nenhum comentário.

Tengo não tinha certeza se o que estava dizendo provocava vibrações no ar para torná-lo audível. Ele não sentia os músculos em torno da boca articulando palavras. A princípio, parecia estar conseguindo transmitir o que queria para Fukaeri, mas a comunicação entre os dois era incerta, como um telefonema de longa distância com sinais de interferência. Fukaeri deixava de ouvir o que julgava desnecessário. Tengo, no entanto, não conseguia fazer isso.²⁵

Antes de dizer, o filósofo aprende tudo, as ciências, as habilidades, os trabalhos, as línguas, as palavras, as artes. “A filosofia começa depois dos saberes e das literaturas”²⁶. O sentido da língua total, de seu uso até o esgotamento de suas capacidades, acontece no movimento. É caminhando, é no fazer, que a convocamos inteira e pessoal, esgarçando suas possibilidades, experimentando-a, testando-a, fazendo-a existir. O filósofo coloca a língua num “falso equilíbrio”. Estilo. Adquirido no itinerário, no risco, o estilo deve refletir a natureza do perigo. A biblioteca, o aprendizado de conteúdos e métodos de outros, não basta para alcançar seu próprio estilo. Daí, o estilo de Michel Serres ser construído numa linguagem simples, usual. A filosofia, para ele, não dispunha de operadores que permitissem o seu método. Ele criou uma nova língua.

.....

O primeiro passo de qualquer aprendizado acontece no movimento. Uma espécie de caminhada sem retorno, abandono da origem. Não como esquecimento, mas como não pertencimento. Para partir, é preciso lançar-se sem amarras, lançar-se à errância, conduzir-se para outro lugar. Além de si e do caminho, há um lugar mestiço, de um terceiro, um outro, estranho, misturado.

A mistura de cores, formas, substâncias faz chegar a uma terceira coisa nova, mas não parte de uma mescla de formas puras. A mistura produz diferença. A filosofia dos corpos misturados une parábolas, história, ciências e o próprio corpo que constrói o lugar, o mundo, com as mãos, com a própria carne. A filosofia deve vir da mistura. Noção que o corpo sabe e pratica.

Mestiço incluso, uma vez que aqui alguma coisa termina e não termina.

A ciência fala de órgãos, de funções, de células e de moléculas, para finalmente confessar: faz tempo não se fala mais de vida nos laboratórios; mas ela nunca se refere à carne que, precisamente, designa, num dado lugar do corpo, aqui e agora, a mistura de músculos e de sangue, de pele e de pêlos, de ossos, de nervos e de funções diversas, que mescla aquilo que o saber pertinente analisa.²⁷

Na Grécia antiga, descobriu-se a demonstração apagônica em geometria. Apagogia é a demonstração de uma proposição pelo absurdo da contrária. Ao medir a diagonal de um quadrado de lado igual a um, o comprimento não era um número par nem ímpar. A diagonal existia, mas era indivizível. Foi assim que surgiu a álgebra. Diz Serres que a álgebra surgiu de um mestiço excluído. Hermes, o mensageiro, circula esse espaço entre, distribuindo as informações. Hermes era mediador entre os deuses e os homens. Não se punha nulo no trajeto. Ele transformava “toda a paisagem a cada informação, meio-lugar se fazendo meio: animal e deus odiosos e indispensáveis, anjos bons e maus juntos, mediadores, operadores de mudança.”²⁸ No Antigo Regime, havia o terceiro estado, o dos excluídos, que não pertenciam à nobreza e ao clero. Depois, veio o Terceiro Mundo. Na língua, a terceira pessoa é sempre aquela de quem se fala, mas que não está presente ou está distante, ele/ ela, aquele/ aquela, aquilo. São os mestiços.

A mestiçagem está presente nas obras de muitos autores que dominaram a ciência de seu tempo, porque utilizaram diferentes operadores. Serres tem formação em matemática e física. Depois, ingressou nas ciências humanas. Serres tinha pressa em percorrer diferentes saberes para, com eles, criar algo original. A matemática ensinou o pensamento rápido, porque salta os intermediários, porque se utiliza de atalhos. A matemática soluciona. O deslocamento fugaz de Serres, como uma forma de método para a sua criação filosófica, veio dali.

Durante o primário e o ginásio, Tengo mergulhou de cabeça na matemática. O que mais o fascinava era a clareza e o sentimento de liberdade, coisas imprescindíveis em sua vida. Mas, ao atingir a puberdade, começou a ter um sentimento crescente de que aquilo era insuficiente. Enquanto estava no mundo da matemática, nada de errado acontecia. Tudo era conforme o previsto. Nada poderia obstruir-lhe o caminho. No entanto, ao se distanciar desse mundo e retornar ao mundo real – não podia deixar de voltar –, Tengo novamente se via dentro dessa lamentável jaula de sempre.²⁹

Esse mestiço sempre produz um efeito de estranhamento já que, como Hermes, tem que narrar acontecimentos. E na exposição da mensagem há o estranho e o obscuro. A mensagem não é isenta de um autor, de uma voz

Na Grécia, o vinho era misturado à água. A quantidade de água misturada – sempre a água era adicionada no *krater* e não o contrário – indicava o grau da embriaguez. As porções variavam entre duas medidas para uma, cinco para duas, três para uma. Medidas iguais de água e vinho faziam um vinho forte. Apenas Dioniso podia beber o vinho puro, pois não seria afetado por ele. Homens podiam ficar violentos e até enlouquecer.

que se coloca. O mestiço opera em saltos, pois lida com espaços *entre* que não marcam o meio dividido de dois, uma medida exata. O *entre* é variável e fractal. Essa filosofia modifica a paisagem, quando aproxima o que, a princípio, é dispar. Uma filosofia resultante da relação entre diferentes ciências, diferentes paisagens. A matemática e a literatura compondo uma filosofia outra, nova, “relevo atormentado e caótico”, que não cita o passado e seu ocupantes, e sim os coloca em relação às coisas do presente. A filosofia se dirige ao futuro. Ela inventa.

(Bruno Latour) Compreendo agora o que o Sr. diz em *Le Tiers-instruit*: “Ali onde a matemática não chega, que o mito vá, ali onde o mito não deseja ir, que o gascão vá.”

(Michel Serres) “Ali onde o francês não pode ir, que o gascão vá.” É uma citação dos *Ensaio*s de Montaigne. Devemos pôr nota de rodapé?³⁰

A relação acontece entre limites externos incorpóreos e movimentos internos dos órgãos do corpo. Relações são modos de deslocamento. A ciência, um modo de circulação. A filosofia deve explorar a relação como um vetor, uma direção, uma seta do tempo, um índice de movimento. As maneiras de se deslocar variam. Muitas vezes são saltos. Ou passagens apertadas. Serres foi marinheiro. Em meio a um incêndio em um navio está trancado num compartimento. O treinamento, antes, ensina o corpo a agir para não ceder ao pânico. Depois, a abertura de cobre que serve de passagem é estreita. Não é mais um treinamento. Passa a cabeça e os ombros, fica preso. Os braços não podem empurrar, estão colados no corpo. Um solavanco do navio nas águas ajuda a passar o tronco. Corpo dividido. Parte fora exposta aos ventos e águas geladas do inverno, parte dentro prestes a se queimar no fogo. As pernas não têm apoio para um impulso. Finalmente, consegue passar para fora em outro solavanco do navio. O corpo reage a situações extremas sem que o pensamento formule um método. O corpo reivindica passagem. “Existe um lugar quase pontual que o corpo inteiro assinala na experiência espacial da passagem.”³¹ Nessa passagem, surge o mestiço instruído. O corpo acha a saída, a escrita inventa caminhos e não volta atrás. Mas Serres, às vezes volta. A sucessão pouco comum de acontecimentos que o levaram à sua escrita fizeram-no solitário. Bruno Latour diz que o texto de Serres não é compreendido como filosofia pelos críticos. Não há referências (notas de rodapé, citações) e, por relacionar diferentes saberes, assemelha-se à literatura. As críticas tornaram Serres avesso ao debate. Para ele, o debate só opõe ideias e a oposição não pode ser considerada uma ideia nova. Após cinco entrevistas para explicar o seu método filosófico, ele percebe que a discussão pode dar a

Em janeiro de 2015, Tommy Caldwell e Kevin Jorgeson ficaram 19 dias na parede Dawn Wall, de 914 m, uma das faces da formação rochosa El Capitan, no vale Yosemite, na Califórnia. As cordas na cintura serviam apenas para segurança. A parede considerada a mais desafiadora do mundo foi escalada usando apenas mãos e pés como impulso.

clareza que vaguear sozinho no deserto, em alguns momentos, não consegue dar.

Estar preparado para distender o corpo em qualquer direção. Uma rede de neurônios ramificada, estrelada, em todos os sentidos ao mesmo tempo. Isto significa sensibilidade. Pode ser a sensibilidade da pele do meu pé ou da minha mão. Este é um estado de mudança, alongar a capacidade em todos os sentidos. A sensibilidade é um estado alerta, vibrante, que espreita e espia, que pode vir a ser a qualquer movimento.

Descontraído, livre, o corpo faz a mímica do particípio futuro.

Os exercícios físicos põem o corpo na sensibilidade aguçada que o possibilita se envolver com o mundo. O corpo exigido fisicamente expande suas sensações para atender às exigências que a atividade o impõe. O alpinista usa todos os seus membros para se sustentar, para se locomover num outro modo de superfície. Ele está exposto. As mãos e os pés apoiados na superfície da montanha se organizam de outra maneira. Estabelece-se um outro entrelaçamento de linhas de força, outros impulsos internos, outras origens de esforços. O corpo não está mais posto numa linha aparentemente retilínea como quando em pé. Como um animal, macaco, aranha, estrela-do-mar, o corpo humano amplia a utilidade de braços e pernas, cruza as linhas de forças que perpassam essas extremidades. O dorso protege. Há uma nova experiência de flexibilidade, de adaptação, o corpo se conhece nesta exposição ao mundo.

Não desejo ocupar minhas mãos mais do que o necessário. Minha cabeça é mãos e pés. Sinto que minhas melhores faculdades aí se concentram. O instinto me diz que a cabeça é um órgão para escavação, feito o focinho e as patas de certos bichos, e com a qual gostaria de explorar e cavar meu caminho através dos morros. Penso que o filão mais rico está por aí nas redondezas, e assim avalio por meio da varinha de condão e dos finos eflúvios que se levantam. Aqui começarei a minerar.³²

No avião, quando olhamos para baixo, vemos uma ampla imagem da paisagem, temos uma visão panorâmica. O corpo está parado, imóvel. Os olhos veem. Na escalada, descobrimos o espaço. Quando o corpo está paralelo à rocha, ele todo se coloca em referência a ela. Mãos e pés tocam, tórax, ventre, pernas, ficam paralelos, sistema digestivo, simpático, nervoso, circulatório, músculos se comprometem. Surge uma relação de tensionamento, de transferência de peso, de contato físico. A textura da rocha ganha outras qualidades. Não pode ser áspera que não se possa agarrar firmemente, não pode ser dura que não se possa encaixar

partes do corpo. A visão não é mais a distância do sobrevoo, ela se amplia com a aproximação, espalha-se pelo corpo.

Serres diz que, quando escala, sua visão se aproxima do tato, seus tecidos e ossos tornam-se mais elásticos, sua pele de tão extensível pode recobrir toda a região. O corpo em movimento associa os sentidos e os unifica. A linguagem verbal se cala. É preciso que os ouvidos ouçam o equilíbrio.

Variaciones sobre el cuerpo foi dedicado a seus professores de ginástica, a seus treinadores, a seus guias de montanha. Eles o ensinaram a pensar. A criação resulta do treinamento do corpo. Treinamento não é apenas repetição. É feito também de variações flexíveis. No treinamento, cada órgão está envolvido no esforço. Colocar-se em risco faz conhecer o corpo. Colocar-se em risco exige encontrar maneiras de sair dele. Conhecer-se é ter domínio de si. Não o domínio da posse, da supremacia. O domínio do imprevisto, das espirais, do rolamento. O domínio do movimento. A percepção da situação como um todo, da multiplicidade, do espaço topológico.

Em 2002, Erik Weißenmayer completou a escalada dos Sete Cumes, as montanhas mais altas do mundo, no Monte Kosciuszko, Austrália. Tatear as rochas, perceber as diferenças dos sons à medida que o ar se rarefaz nas alturas, sentir o vento, a poeira e o sol na pele, formas de experienciar o alpinismo. Nas paredes de gelo, ele utilizava uma picareta para se fixar. O cabo era usado para tocar o gelo e, pelas vibrações, perceber se a área era firme o suficiente para fincar a picareta. Erik começou a escalar depois que perdeu a visão por uma doença degenerativa da retina.

O segundo ponto em comum é que os dois, assim que cresceram e começaram a entender as coisas, se esforçaram em ganhar bolsas de estudo e ficar o mais distante possível de seus pais. Os dois realmente se destacaram como atletas. O fato de possuírem um talento nato para os esportes contribuiu para que conquistassem essa autonomia. Mas, na situação em que estavam, eles *precisavam veementemente se destacar em alguma coisa*. Para eles o único meio possível para conquistar a própria independência era se destacarem como atletas e, como estudantes, precisavam tirar boas notas, de modo a obterem o reconhecimento das pessoas. Era um passaporte importante para a sobrevivência e a autoproteção. Eles não pensavam como as demais crianças de dez anos, e o modo de os dois enfrentarem o mundo era diferente.³³

O ginasta, o alpinista, aqueles comprometidos com o treinamento exigente do corpo, ao dedicarem um compromisso total com seu corpo, têm no suor, na tensão, na flexibilidade, na adaptação uma forma de criação. Porque uma forma de ascender. Lutam com a gravidade, saltam, escalam. Deslizam contrariando a pressão da água. Usam o atrito com bolas, com o chão, para lançar, para adquirir velocidade. Na corrida de 100 metros, o corredor se prepara agachado no chão. Usa o apoio da perna de trás como contrapeso para gerar um impulso inicial explosivo.

Já a descida, inverte o corpo. Pede para soltar a musculatura ao invés de travá-la, pede para amolecer, para não haver solavanco. Para saltar, é preciso saber cair. A queda pede que o corpo espirale, que role. Caso contrário, o corpo se quebra com o impacto. Aqui, ainda há movimento

de um corpo presente. A descida, a queda, não é apenas jogar para o chão. O impacto pode ser fatal.

Suplício especial, a descida prudente requer que se jogue a retenção contra a gravidade, que se lance intrepidamente para o vazio que atrai, mas dominando sua lei; para isso, há que inverter o trabalho dos músculos, colocar as costas no lugar do rosto, os joelhos em sua prega poplíteia, enviar os olhos para baixo dos dedos do pé, fazer vesguear em quiasmo todo o corpo, a parte da frente atrás, o alto abaixo e a esquerda à direita, por último, estender ou despregar, desdobrar a força ao invés de trazê-la para si, mais em extensão que em tração.³⁴

Ossos protegem as partes moles do corpo, mas ossos podem ser elásticos, o coração pode endurecer. O corpo alterna as qualidades das partes que o estruturam. O impacto, a violência, a dor, também fazem parte do conhecimento. E da criação. Animais, por ainda contarem com o seu instinto apurado, conhecem seus limites, humanos, por perderem seus instintos, não sabem o que pode o corpo. A dor põe à prova os limites dele. O treinamento físico do maratonista, que exige o bombeamento máximo do coração e o carregamento excessivo de carga pelos músculos, coloca o corpo próximo da morte, assim como a doença. O corpo reage, adapta-se. Corpos deformados, deficientes de uma de suas partes, reorganizam-se. Alpinistas cegos, maratonistas sem a parte inferior da perna (transtibial), nadadores sem braços.

O perigo pode ser um estímulo a façanhas e pode ser fatal. O quanto se expor é uma medida pouco exata, pois particular, sensível, dos possíveis de seu corpo. Conquista-se tal medida com o conhecimento do corpo. Ao testá-lo, treiná-lo.

O alpinista é um homem que sabe caminhar. Reconhece como a inclinação da rocha afeta o seu corpo, adapta o seu equilíbrio ágil aos desníveis do solo. Ele não elimina o desequilíbrio, apenas encontra saídas criativas nele. Os olhos são colocados nas solas dos pés. Ao mesmo tempo, a visão atenta pode sentir a textura sem que mãos e pés tenham ainda tocado. “Segunda inversão: a vista toca, o tato vê.”³⁵

O aprendizado se adquire no corpo a corpo. Nas lutas, boxe, sumô, judô, corpos se colocam frente a frente. Não há barreiras físicas entre eles nessas lutas, apenas a roupa. No sumô, há o *mawashi*. A única peça de roupa indicava uma luta realizada sem armas, parte de um ritual para os deuses. O sumô utiliza, principalmente, braços e mãos. Os pés driblam ou dançam pelo ringue. Nos esportes coletivos, há um intermediário. A bola define as relações. O esporte prepara o corpo para as possibilidades de ocorrência. O corpo

A meta da instrução é o fim da instrução, quer dizer, a invenção.

memoriza gestos e ações. O aprendizado permite que escolhamos o gesto mais adequado, no que ele tem de flexível, evitando uma rigidez excessiva. O corpo é formado por substâncias fluidas em constante movimento.

O aprendizado começa quando saímos de casa, quando colocamos o pé na rua e alteramos as relações estáveis, enquadradas, resumidas das paredes da casa, pelas relações instáveis, ampliadas, espiraladas, diversificadas da caminhada. Nela, o corpo aprende novos gestos e costumes que se fundem aos seus próprios hábitos até que não reconheçamos uma mudança. É como se sempre estivessem lá. Na Grécia antiga, o escravo que levava o filho nobre ao local de estudo era chamado de pedagogo. A passagem tinha o contato com a exclusão, com o estar fora, saberes do escravo. “Todo aprendizado exige essa viagem com o outro em direção à alteridade.”³⁶ Antes de chegar no local, a criança já não é a mesma. O aprendizado opera um auto-engendramento. Ambos passam pelo processo. E em algum momento do caminho, escolhemos os nossos instrutores. Não dependemos mais da formação inicial.

Ao ouvir de olhos fechados a recitação de Fukaeri, Tengo sentiu como se estivesse ouvindo um monge cego que, tradicionalmente, era acompanhado por um instrumento de corda chamado biwa. Foi então que se deu conta de que as *Narrativas de Heike* eram um poema épico de tradição oral. Normalmente, Fukaeri costumava falar de um jeito monótono, quase sem acentuação e entonação, mas na hora de recitar sua voz ganhava intensidade, riqueza e colorido. Era como se uma entidade se incorporasse nela.³⁷

O aprendizado compreende deixar uma parte de si para trás. Na saída, há sempre a perda de alguma parte do corpo, o contato com o exterior, a opção por uma via transversal e a passagem pelo lugar mestiço. A instrução nunca termina. O mestiço instruído está sempre vagando, sempre desalojado, pois se expondo ao outro, colocando-se em risco. A instrução leva a um lugar que ainda não se conhece, faz arriscar todas as referências anteriores.

Não pertencer a um único movimento é uma opção à não exclusão. É uma forma de desobediência. E Serres diz que as guerras, as instituições, deram a ele o sabor da desobediência. Porque a maioria é fisicamente mais forte, mas não promete a justiça e a virtude. Um homem não precisa fazer tudo, mas não deve fazer uma coisa que prejudique a si mesmo ou ao outro. Thoreau não pagava os impostos para demonstrar sua pouca satisfação, o seu não pertencimento. O coletor de impostos era seu vizinho. Thoreau foi preso. Explicava sua decisão dizendo que é preciso agir, os debates podem ficar acumulados nas prateleiras. É preciso habitar uma terra desocupada, produzir

Após uma tentativa com corda, Alex Honnold decidiu escalar a face noroeste do Half Dome, no vale Yosemite, sem corda. Carregava apenas um saco de magnésio para passar nas mãos, ouvia música e usava uma sapatilha especial para escaladas. A 30 metros do topo, ele titubeou, mas não tinha como voltar. Honnold levou 2h50min para escalar 650 m.

aquilo que vai consumir imediatamente e manter mala pronta para a saída. “Assim é toda mudança para melhor, que tal como o nascimento ou a morte convulsiona o corpo todo.”³⁸ Sai mais barato a penalidade por desobedecer do que obedecer a qualquer organização que fira a sua liberdade. Não basta resistir. É preciso inverter o sentido, um movimento.

Também aí está a filosofia. Ela engloba todos os saberes. Ela tenta incluir. Filósofos passam a vida a se preparar. A filosofia é um saber de velhos, anciãos. Antes, é preciso viajar, ter contato com outras culturas, colocar o corpo à prova, treiná-lo, treinar-se. Ler enciclopédias, aprender as ciências exatas, conhecer os mitos, fábulas, ler literatura. E viver, é preciso viver dentro e fora das bibliotecas. Ao mesmo tempo, a filosofia não é um saber ou uma disciplina, ela compõe um mundo. Lida com o tudo e o nada. A totalidade é contornada pela dúvida, pela solidão, pela incerteza. É nesse ponto que se inicia a invenção.

As especialidades e o saberes surgem de uma necessidade do homem de lidar com suas misérias, os crimes, a morte. São as nossas fragilidades e fraquezas e também as nossas potências e alegrias que impulsionam ao desenvolvimento de nossas capacidades. A relação entre as ciências exatas e humanas, naturais, é o fator principal para que não nos tornemos perigosos, ignorantes. O mestiço instruído não une dois lados opostos, ele cria uma terceira instrução, em que as ciências exatas não esgotam as exigências da razão, em que as humanas não dão conta de todas as especificidades que compõem o homem.

Quando já não somos nada mais que as outras coisas no mundo, nada mais que os outros homens, é quando compreendemos. Os outros (coisas, animais, homens) frequentam o nosso corpo. A noção de corpo passa pelo limiar entre o animal e o homem. São as metamorfoses do corpo. Corpo aberto “às performances musculares, passionais e amorosas que o afastam da neutralidade e da especialização da ciência.”³⁹ Uma experiência que a língua filosófica e a matemática não podem substituir.

As nossas invenções se baseiam nos movimentos do corpo e o liberam para outras atividades. De algum modo, o corpo perde funções à medida que transforma suas possibilidades em objetos exteriores, em máquinas, em ferramentas. Inventados, o corpo se libera de funções. Mas não significa que ele perde, que o vazio é uma falta ou um vão. É preciso se esvaziar para inventar. Com todos os objetos exteriores expostos, os corpos se esquecem que já dominaram essas funções. O aprendizado é um retorno a esses anteriores, uma inversão. Aprendemos a andar de bicicleta sem nos dar conta de que os movimentos de nossas pernas eram circulares e nos faziam deslocar. “O

Para medir a altura de uma pirâmide, Tales de Mileto focou-se nas sombras que corpos e objetos adquirem em contato com a luz. Concluiu que os raios solares chegam inclinados. Ele colocou uma estaca ao lado da pirâmide e percebeu que, num dado momento do dia, a sombra dela media o mesmo que seu comprimento. Tal relação serviria também para a pirâmide.

aprendizado, lento, remonta o caminho das invenções.”⁴⁰ E nos apronta para outras novas. A invenção gera invenção.

A instrução só é válida se gera invenção. Apontar erros, opor, prende-se ao mesmo círculo de ideia. Fica-se imóvel. A invenção acontece na elipse. Um centro e dois focos, um espaço ocupado, oscilante, não fixo. A invenção vem da busca, da procura, do movimento, de se expor. Uma busca que não pode passar apenas pelos locais habituais, pelo mesmo conjunto (elementos pertencentes a). É uma luta contra a rigidez. E o corpo é o suporte da invenção, está sempre inventando novos equilíbrios instáveis. E é suporte do trabalho, do saber, da memória, da intuição.

**O corpo todo inventa.
E o corpo pode quase
tudo.**

Trata-se de fabricar dinamismos de experiência e corporalidade, de sustentar o movimento que impulsiona os deslocamentos, como na geofísica, trata-se de tentar perceber os movimentos contínuos e lentos que se deslocam por debaixo e explicam os movimentos súbitos. Perceber é cavar por debaixo para descobrir, no sentido etimológico, o regime das placas mais lentas e mais quentes. Tudo conduz ao corpo como epicentro de experiência e percepção. O corpo sempre é o lugar onde se diversificam os *a priori*.⁴¹

A criação vem do trabalho insistente, necessita saúde, porque a criação consome o corpo. Serres diz que os grandes filósofos deveriam ser imaginados como jogadores de rugby. A invenção não está nas bibliotecas, nas instituições. Está no corpo que se movimenta, que circula. Nos momentos em que esse corpo se põe só. Nas montanhas, mesmo quando se escala com um grupo, os diálogos são reduzidos. Na caminhada ou na corrida é preciso não falar. A frequência cardíaca ideal para que a atividade física atinja o seu máximo desempenho não pode ser alcançada durante a fala. Falar consome oxigênio e os exercícios aeróbicos precisam desse oxigênio para gerar energia aos músculos. Nos esportes, o corpo se expressa de outras maneiras. Primeiro, a experiência do corpo a corpo, dos contatos, das relações, prepara, instrui. Depois, é preciso abandonar o que dá segurança e arriscar-se. A invenção acontece na solidão.

O corpo treina passes e movimentos antes da partida. Apreende. O corpo lê, se apaixona, faz sexo, escuta, saboreia. No momento da invenção, o corpo deve esquecer as origens de tudo que o perpassa. Dominar um movimento não significa que ele será realizado de forma idêntica todas as vezes. A repetição do treinamento não torna o corpo imbatível. O corpo produz máquinas, não se torna uma. Tudo é passageiro no corpo, os músculos rapidamente perdem a tonacidade, a gordura rapidamente se acumula. O corpo morre. O saber, se decorado, pode se fixar na memória por

um intervalo de tempo. Depois desaparece. O movimento compreendido pelo corpo e o saber incorporado devem se transformar em algo novo. Desconhecido até que exista. É preciso esquecer para inventar. A invenção lida com o imprevisível, o inesperado, o improvável. O artista não sabe o que vai criar de antemão. Ele inventa um tempo inédito.

No entanto, certo dia, Tengo percebeu que o retorno do mundo das histórias não era tão frustrante quanto o do mundo da matemática. Mas por quê? Pensou seriamente e chegou à seguinte conclusão: na floresta de histórias, independentemente de elucidar as intrínsecas relações entre os fatos, não há como obter uma resposta clara. Esse era o ponto que se distinguia da matemática. A finalidade da narrativa, em linhas gerais, é desenvolver um problema colocando-o sob outro parâmetro. Conforme a maneira de se expressar e o sentido dessa colocação, a própria história é que vai sugerir algumas respostas possíveis. Era com essas sugestões que Tengo voltava para o mundo real.⁴²

A invenção, porque parte de uma errância prolongada, de um conhecimento do corpo que foi exposto ao mundo por meio de ferramentas, tanto revela o novo quanto o histórico. Os ângulos possíveis do joelho, o triângulo isósceles das pernas. O corpo faz inventar, a invenção propõe aprendizado que nos leva ao passado do corpo. Uma inversão do tempo: não mais uma linha reta que orienta ao futuro, e sim saltos entre diferentes momentos. Uma inversão do espaço: modificação de paisagem por meio da aproximação de coisas díspares. Uma inversão do processo: a intuição leva à invenção que leva ao reconhecimento de eventos históricos.

A invenção não é resultado de uma dicotomia. Não há dicotomia quando se coloca todo o esforço na escalada, quando se arrisca o corpo numa queda, para chegar ao cume. Não há dicotomia quando se gasta toda a energia dos músculos e se eleva o bombeamento do coração ao máximo na corrida. Não há dicotomia num passe de bola, no nado, na luta.

“O corpo existe em potência, em todos os sentidos imagináveis.”⁴³ O corpo é real. Primeiro aprende-se o que pode o corpo. O treinamento ensina músculos e ossos. Resistência, concentração, coragem, paciência, domínio do medo são necessários à invenção e podem ser adquiridos nos exercícios físicos. A vida submetida aos ritmos do corpo. Essas práticas de força e flexibilidade colocam o corpo inteiro na invenção.

Em 1950, Maurice Herzog e Louis Lachenal escalaram 8.091 m e tornaram-se os primeiros a atingir tal altura. Era a montanha Annapurna ("Deusa da Colheita"), no Nepal, uma das montanhas mais perigosas do mundo para escalar, por causa das avalanches e dos ventos de 100 km/h. Até 2013, apenas 191 pessoas já haviam subido, 64 morreram tentando.

- ¹ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 173.
- ² MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 26.
- ³ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 124.
- ⁴ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 317-318.
- ⁵ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 35.
- ⁶ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 23.
- ⁷ NANCY, J.L. **Corpus**. Lisboa: Vega, 2000, p.15-16.
- ⁸ CORBIN, A., COURTINE, J.J & VIGARELLO, G. **História do corpo: da Renascença às Luzes**. Vol. 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 399.
- ⁹ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 258.
- ¹⁰ SERRES, M. **Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour**. São Paulo: Unimarco, 1999, p. 82.
- ¹¹ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 50-51.
- ¹² MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 264.
- ¹³ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 72.
- ¹⁴ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 25.
- ¹⁵ VALÉRY, P. Poesia e pensamento abstrato. In: **Variedades**. São Paulo: Iluminuras, 1991, p. 207.
- ¹⁶ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 160.
- ¹⁷ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p.416.
- ¹⁸ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 317.
- ¹⁹ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 190-191.
- ²⁰ SERRES, M. **Filosofia mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 20.
- ²¹ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 263.
- ²² CLARK, L. **Caminhando**. Três Rios: Associação cultural O mundo de Lygia Clark, 1964. Disponível em: <http://www.lygiac Clark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=17>. Acesso em: 31 mar. 2015.
- ²³ SERRES, M. **Os cinco sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 220.
- ²⁴ Todos os diários da caminhada são uma edição do livro de Jean Jacques Rousseau, *Diário de um caminhante solitário*. In: ROUSSEAU, J.J. **Diário de um caminhante solitário**. L&PM
- ²⁵ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 224.
- ²⁶ SERRES, M. **Filosofia mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 87.
- ²⁷ SERRES, M. **Filosofia mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 5.
- ²⁸ SERRES, M. **Filosofia mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 56.
- ²⁹ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 250-251.
- ³⁰ SERRES, M. **Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour**. São Paulo: Unimarco, 1999, p. 98-99.
- ³¹ SERRES, M. **Os cinco sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 14.
- ³² THOUREAU, H. D. **Walden ou A vida nos bosques**, p.103.
- ³³ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 156.
- ³⁴ SERRES, M. **Variaciones sobre el cuerpo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011, p. 41.
- ³⁵ SERRES, M. **Variaciones sobre el cuerpo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011, p. 46.
- ³⁶ SERRES, M. **Filosofia mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p.60.
- ³⁷ MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 356.

³⁸ SERRES, M. **Filosofia mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p.

³⁹ SERRES, M. Entrevista a Roberto Leo Butinof, Adrián Cangi e Ariel Pennisi. In. **Variaciones sobre el cuerpo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011, p. 137.

⁴⁰ SERRES, M. **Variaciones sobre el cuerpo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011, p. 111.

⁴¹ SERRES, M. Entrevista a Roberto Leo Butinof, Adrián Cangi e Ariel Pennisi. In. **Variaciones sobre el cuerpo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011, p. 134.

⁴² MURAKAMI, H. **1Q84**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 251.

⁴³ SERRES, M. **Variaciones sobre el cuerpo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011, p. 111.